



CECÍLIA SOUZA GONTIJO GARCIA

**EVOLUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL E
PAISAGÍSTICA DA FAZENDA TRAITUBA,
CRUZÍLIA - MG**

LAVRAS – MG

2013

CECÍLIA SOUZA GONTIJO GARCIA

**EVOLUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL E PAISAGÍSTICA DA
FAZENDA TRAITUBA, CRUZÍLIA – MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do programa de Pós-Graduação em Agronomia/Fitotecnia, área de concentração Produção Vegetal, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora

Dra. Patrícia Duarte de Oliveira Paiva

LAVRAS – MG

2013

**Ficha Catalográfica Elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca da UFLA**

Garcia, Cecília Souza Gontijo.

Evolução histórico-cultural e paisagística da Fazenda Traituba,
Cruzília – MG / Cecília Souza Gontijo Garcia. – Lavras : UFLA,
2013.

142 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2013.

Orientador: Patrícia Duarte de Oliveira Paiva.

Bibliografia.

1. Jardins históricos. 2. Paisagismo. 3. Estrada Real. 4. Fazendas
históricas. 5. Minas Gerais. I. Universidade Federal de Lavras. II.
Título.

CDD – 712.6098151

CECÍLIA SOUZA GONTIJO GARCIA

**EVOLUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL E PAISAGÍSTICA DA
FAZENDA TRAITUBA, CRUZÍLIA- MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do programa de Pós Graduação em Agronomia/Fitotecnia, área de concentração Produção Vegetal, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 14 de maio de 2013.

Dra. Paola Capone (University of Salerno)

Dr. Paulo Roberto Corrêa Landgraf (UNIFENAS)

Dra. Patrícia Duarte de Oliveira Paiva

Orientadora

LAVRAS – MG

2013

Aos meus pais pelo exemplo de vida e caráter, por me apoiarem em todos os momentos que mais precisei, pelo o orgulho e confiança depositada em minhas escolhas.

Ao meu irmão, exemplo de determinação e amor à profissão.

E a todos aqueles que de alguma maneira acreditaram e me deram força para continuar minha pesquisa.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Departamento de Agricultura (DAG), pela oportunidade concedida para realização do mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudo.

À Biblioteca Municipal Castro Alves de Carrancas, em especial Gustavo Henrique Teixeira pela receptividade e interesse em colaborar com a pesquisa.

Ao senhor Guimarães, proprietário do Hotel Fazenda do Engenho, grande conhecedor da história regional por ajudar com importantes informações.

Aos responsáveis pela Fazenda Traituba, Toninho e Luan que autorizaram e mostraram a sede da fazenda, nos recebendo com atenção.

Ao senhor Valdir e sua esposa, funcionários atuais da fazenda, por nos acompanhar durante a visita a casa e seu entorno.

À Níbia Aguiar Junqueira pelo diversos e-mails e mensagens trocadas com importantes informações e ajuda durante toda a pesquisa.

À Milena, D. Alice e toda a sua família por nos receber em sua casa com muito carinho e nos ceder informações e fotografias essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

À Marília e ao Eduardo por ajudar na identificação das plantas ornamentais encontradas no jardim.

A minha família por me apoiar e estar sempre disposta a ajudar e aos amigos em especial ao André por me acompanhar em algumas visitas. À Mariel colega e amiga por participar e ajudar no desenvolvimento deste trabalho.

As colegas do NEPAFLOR pelo interesse e apoio a pesquisa.

À Schirley, mulher que muito admiro, por estar sempre presente em minhas decisões, me apoiando, aconselhando e sendo acima de tudo uma grande amiga.

E, em especial a minha orientadora, Patrícia Duarte de Oliveira Paiva, pelo essencial apoio durante minha vida acadêmica. Sempre disposta a ajudar e me orientar com as melhores escolhas. Uma grande profissional merecedora de muito respeito e carinho.

“O que mata um jardim não é o abandono. O que mata um jardim é esse olhar de quem por ele passa indiferente... E assim é com a vida, você mata os sonhos que finge não ver.”

Mário Quintana.

RESUMO

Os jardins históricos são uma composição arquitetônica e vegetal com valores artísticos e históricos para seu público e podem auxiliar na conservação de sítios de interesse histórico, ambiental e cultural. Como jardins históricos, devem ser considerados não apenas praças e jardins públicos encontrados no meio urbano, mas também manifestos, na forma de jardim-pomar, jardim-horta presentes nas fazendas antigas do Brasil. Na região sul de Minas Gerais existem diversas fazendas históricas construídas em séculos passados, consequência do povoamento iniciado durante o século XVIII, quando bandeirantes paulistas invadiram os sertões e encontraram ouro. Mas, muitos consideraram mais lucrativas as atividades agrícolas à mineração e, com isso, diversas fazendas históricas sul-mineiras se estabelecendo. A Fazenda Traituba é um exemplo de fazenda que surgiu nesse período. Seu resgate histórico-cultural e paisagístico pode contribuir para sua conservação e valorização cultural, uma vez que, essa fazenda representa a cultura do município de Cruzília, além de estar situada no chamado *Caminho Velho* da Estrada Real. Nesse contexto, o objetivo do trabalho foi realizar um resgate histórico-cultural e paisagístico da Fazenda Traituba identificando suas principais transformações morfológicas paisagísticas e sociais, desde sua origem, e identificando também sua representação no inconsciente coletivo dos habitantes do município de Cruzília, MG e região. Para isso uma pesquisa exploratória foi realizada. Foram feitas visitas ao local, entrevistas, pesquisas bibliográficas e iconográficas incluindo uma revisão literária da história das cidades. A Fazenda Traituba sempre foi propriedade de descendentes portugueses da família Junqueira, iniciada com João Francisco Junqueira que se instalou na região do Rio das Mortes e adquiriu duas sesmarias. Após sua morte as terras foram divididas entre seus filhos e muitas fazendas se formaram. Na Fazenda Traituba, primeiramente, existiu um rancho e, em 1831, foi construída a *Casa Grande*, uma imensa obra arquitetônica. Apesar de sua grande importância e representatividade cultural e econômica na região, seus jardins nunca se espelharam nos padrões europeus. A influência portuguesa pela origem da família imprimiu um caráter de simplicidade aos jardins com funções utilitárias onde o jardim era associado a hortas e pomares. O jardim de entrada teve um destaque na casa após a década de 1950, quando foi reformado. A partir de então, outras intervenções foram feitas e novas funções foram atribuídas ao jardim, porém nenhum projeto foi desenvolvido. Atualmente o jardim de entrada se apresenta bem diferente do original. A vegetação e os elementos arquitetônicos que compõem o jardim carecem de conservação e manutenção especializada.

Palavras-chave: Jardins históricos. Fazendas históricas. Paisagismo. Minas Gerais.

ABSTRACT

The historic gardens are an architectural and vegetal composition with artistic and historical values for their public and can assist in the conservation of sites with historic, cultural and environmental interest. As historic gardens, should be considered not only squares and public gardens found in urban areas, but also manifests in the form of garden-orchard, garden-vegetable present in ancient farms of Brazil. In the southern region of Minas Gerais there are several historic farms built in past centuries, a result of the settlement started during the eighteenth century, when pioneer from Sao Paulo invaded the hinterlands and found gold. But many considered the most profitable agricultural activities to mining and thus, several historic farms located in south of Minas Gerais being established. The Traituba Farm is an example of farm that emerged during this period. Its historical-cultural and landscape rescue can contribute to their conservation and cultural value, since this farm represents the culture of the Cruzilia city, besides being located in the Old Way of the Royal Road. In this context, the aim of the study was a historical-cultural and landscape rescue of Traituba Farm identifying their main morphological, social and landscape transformations from its origin and also identifying their representation in the collective unconscious of the inhabitants from municipality of Cruzilia, MG and region. For this an exploratory research was conducted. It made site visits, interviews, literature and iconographic searches including a literature review of the history of cities. The Traituba Farm always had been owned by Portuguese descendants of Junqueira family, started with Joao Francisco Junqueira who settled in the region of the Rio das Mortes and purchased two land grants. After his death the lands were divided among his sons and many farms were formed. In Traituba Farm, first, there was a ranch and in 1831 was built the 'Big House', an immense architectural construction. Despite, its great importance and representativeness cultural and economic in the region, its gardens never mirrored in European standards. The Portuguese influence for the origin of the family make a simplicity character to the gardens with utility functions where the garden was associated to vegetable gardens and orchards. The entrance garden was a highlight in the house after the 1950s, when it was reformed. Since then, other interventions were made and new functions have been attributed to the garden, but no project was developed. Currently the entrance garden appears very different from the original. The vegetation and architectural elements which compose the garden need care and specialist maintenance.

Keywords: Historic gardens. Historic farms. Landscaping. Minas Gerais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	A- Engenho com capela no século XVII. Óleo sobre madeira de Fran Post B - Engenho de Açúcar fluminense – Rugendas século XIX.....	19
Figura 2	Parte da 4ª folha do Atlas Miller - O território da América Portuguesa. Manuscrito sobre pergaminho. Acervo da Biblioteca Nacional de Paris. Lopo e Homem 1519.....	21
Figura 3	Mapa de localização dos Municípios de Carrancas e Cruzília – MG.....	29
Figura 4	Vista de Carrancas – Data desconhecida.....	31
Figura 5	Cachoeira da Fumaça – Carrancas.....	33
Figura 6	Praça principal da cidade de Cruzília século XX.....	34
Figura 7	Pomar da Fazenda Serra das Bicas – Carrancas.....	37
Figura 8	Índios na fazenda.....	38
Figura 9	Imagem de D. João VI – Óleo sobre tela (Réplica).....	39
Figura 10	Viajantes da Província do Rio Grande – Jean Baptiste Debret 1823.....	40
Figura 11	Marca atual do plantel de cavalos da Fazenda Traituba.....	41
Figura 12	Mapa da Estrada Real.....	44
Figura 13	Localização da Fazenda Traituba perante a Estrada Real.....	45
Figura 14	A - Localização da Fazenda Traituba no mapa de Minas Gerais organizado pelo estado em 1955. B - Mapa desenhado a mão demonstrando a localização da Fazenda Traituba.....	55
Figura 15	Parte do Mapa da Comarca do Rio das Mortes de 1809 com a divisão das freguesias e termos.....	56
Figura 16	Fazenda Traituba.....	57
Figura 17	Sede da Fazenda Traituba com a Serra da Traituba ao fundo..	17
Figura 18	Matriz de São Thomé das letras(A); Gabriel Francisco Junqueira, o barão de Alfenas - Pintura a óleo (Réplica) (B).....	60
Figura 19	Sede principal da Fazenda do Favacho.....	62
Figura 20	Sede do Haras Narciso.....	63
Figura 21	Sede da Fazenda Favacho.....	64
Figura 22	Casa Grande no século XIX – Pintura a óleo, Nilza Meirelles na década de 1960.....	67
Figura 23	Coronel João Pedro Diniz Junqueira – pintura a óleo.....	68
Figura 24	Desenho de perspectiva da Casa Grande, representação da primeira construção.....	70
Figura 25	O quarto de Dom Pedro I e sua cama.....	70
Figura 26	Elevação principal original 1827 (A); Planta baixa do	

	mirante no terceiro andar (B).....	71
Figura 27	Planta baixa da distribuição dos cômodos da casa original.....	72
Figura 28	Terreiro em frente à entrada da casa, local de comércio no século XIX.....	74
Figura 29	Terreiro do antigo comércio e Portão Principal de acesso.....	75
Figura 30	Portão lateral direito ao antigo terreiro de comércio.....	76
Figura 31	Desenho de representação da vista da Casa Grande antes das reformas.....	77
Figura 32	Pátio lateral esquerdo (<i>curral dos veados; jardim velho</i>).....	78
Figura 33	Pomar antigo.....	79
Figura 34	Muros feitos de pedra e adobe – Fazenda Traituba.....	80
Figura 35	Localização da senzala no terreiro de baixo da Casa Grande..	81
Figura 36	Terreiro atualmente. Antigas Senzalas à direita.....	82
Figura 37	Representação dos cômodos existentes embaixo da Casa Grande.....	83
Figura 38	Localização da prisãozinha (A) e do quiosque, provável pelourinho antigo (B).....	83
Figura 39	Retrato de Major José Frausino - Pintura a óleo.....	89
Figura 40	Elevação principal da sede da Fazenda Traituba depois da reforma realizada em 1902.....	89
Figura 41	Vacas no terreiro de baixo, bezerreiro murado ao fundo esquerdo da foto e diversas árvores nos dois terreiros – provável data: antes de 1953.....	92
Figura 42	Cachorros caçadores na Fazenda Traituba	93
Figura 43	Otto Junqueira.....	94
Figura 44	Curral construído em cima de um dos portões laterais por Otto Junqueira, mais acima os telhados da baía e do curral antigo.....	95
Figura 45	Fábrica de manteiga; Roda-d'água.....	96
Figura 46	Oswaldo Junqueira e Alice Junqueira, 1949.....	96
Figura 47	Elevação principal e posterior da sede da Fazenda Traituba depois da nova reforma em 1953.....	97
Figura 48	Foto depois da demolição dos currais, muros e acerto do terreno.....	98
Figura 49	Nova área de serviços construída em 1953.....	99
Figura 50	Foto da década de 60, detalhe da estufa ao canto direito da fotografia.....	100
Figura 51	Fazenda Traituba, década de 1980.....	102
Figura 52	Da esquerda para direita encontram-se: Oswaldo Junqueira (filho) e sua esposa Cláudia Meirelles; José Frausino Junqueira (filho) e sua esposa Fátima Ferreira; Eurico Junqueira (filho); Alice Aguiar Junqueira (mãe); Maria de	

	Lourdes da Cunha; Otto Junqueira (filho); João Francisco Junqueira(filho); Alice Junqueira (filha) e Avelino Junqueira (filho) em 1985.....	103
Figura 53	Capela São José do Favacho.....	106
Figura 54	Cruzeiro localizado perto da Casa Grande.....	107
Figura 55	Homens encostados em um grande tronco de árvore. Data provável: início do século XX.....	110
Figura 56	Celebração religiosa em frente o portão central – Data provável: início do século XX.....	111
Figura 57	Jardim de entrada. Data provável: década de 1940.....	112
Figura 58	Pátio esquerdo, Jardim Velho(A); Curral dos Veados(B).....	113
Figura 59	Jardim e horta de entrada antes da reforma de 1953.....	115
Figura 60	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> replantados rente ao muro da escada. Década de 1970.....	116
Figura 61	Jardim de entrada com diversas espécies e canteiros – Década de 1960.....	118
Figura 62	Local onde a antiga estufa se encontrava.....	119
Figura 63	Novo jardim de entrada formado na reforma de 1953. Data: outubro de 1970.....	120
Figura 64	Jardim de entrada, provável data: década de 1990.....	121
Figura 65	Roça de milho e Serra da Traituba ao fundo.....	124
Figura 66	Planta baixa do jardim de entrada nos dias atuais. Projetada pelo software Autocad/2011.....	125
Figura 67	Jardim de entrada, ao fundo a casinha de bonecas.....	126
Figura 68	Canteiro com agapantos e vestígios de estrutura de alvenaria (a); Casinha de bonecas com romã, agapantos, crótons e estrelíztias (b).....	127
Figura 69	Hortênsias beirando o muro lateral (a); canteiro de rosas (b)...	127
Figura 70	Jardim de entrada da Fazenda Traituba.....	128
Figura 71	Lado direito do jardim de entrada.....	129

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1	O descobrimento do ouro das Minas Gerais	18
2.1.1	O Brasil colônia	18
2.1.2	Os bandeirantes paulistas	20
2.1.3	Primórdios da formação de vilas e fazendas.....	23
2.1.4	Formação de sesmarias	26
2.2	Breve história de Carrancas e Cruzília.....	28
2.3	Fazendas históricas da região	35
2.4	O cavalo Mangalarga Marchador.....	38
2.5	A Estrada Real	42
2.6	Jardins históricos e sua representação social	45
2.6.1	Jardins históricos brasileiros	48
3	METODOLOGIA	52
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	55
4.1	A localização da Fazenda Traituba.....	55
4.2	A origem da Fazenda Traituba.....	57
4.3	O registro de Saint – Hilaire.....	64
4.4	A construção da Casa Grande e suas características.....	67
4.4.1	O entorno da Casa Grande e suas peculiaridades no séculoXIX..	73
4.5	A revolta dos escravos nas fazendas da Família Junqueira	84
4.6	Primeira reforma da Casa Grande	88
4.6.1	O entorno da Casa Grande após a primeira reforma.....	90
4.7	Segunda reforma da Casa Grande da Traituba	96
4.7.1	O entorno da Casa Grande após a segunda reforma	98
4.8	Últimas reformas	101
4.9	Religiosidade e lendas da Fazenda Traituba	103

4.10	Os jardins da Fazenda Traituba	109
4.10.1	Os primeiros ajardinamentos do entorno da Casa Grande ...	109
4.10.2	Os primeiros registros iconográficos	110
4.10.3	O jardim a partir da reforma de 1953	114
4.10.4	O jardim nas décadas de 1980 e 1990	121
4.10.5	O jardim do século XXI	122
4.10.6	A Fazenda Traituba nos dias atuais e seu jardim de entrada ..	124
5	CONCLUSÕES.....	130
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
7	REFERÊNCIA	133

1 INTRODUÇÃO

Na Antiguidade o jardim era um local para meditar e contemplar a natureza. Essas funções de uso continuaram na história da humanidade até o final do século XVIII, onde os jardins se limitavam aos palácios, conventos e mosteiros. No final do século XVII e início do século XIX surgiram os espaços ajardinados, como passeios públicos e alamedas destinadas ao uso coletivo (ROBBA; MACEDO, 2002).

De acordo com Andrade (2008) o jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que tem valores artísticos e históricos para seu público e não apenas por suas particularidades estilísticas ou por suas dimensões. O jardim histórico deve ser considerado aquele que possui significado cultural, capaz de fortalecer a memória e a identidade de uma sociedade.

Esses jardins possuem diferentes objetivos. Eles podem desenvolver a consciência de respeito pelo ambiente em diferentes manifestações como patrimônio da coletividade. Podem também ajudar na conservação de sítios de interesse histórico, ambiental e cultural. O estudo desses sítios proporciona a relação entre a sociedade presente, futura e passada. Representa o resgate da cultura de outros tempos (ANGELIS; ANGELIS NETO, 2004).

Os jardins históricos devem ser considerados não apenas em suas praças e jardins públicos encontrados nas cidades, mas também deve-se dar importância a seus primeiros manifestos, que são encontrados em forma de jardim-pomar, jardim-horta nas fazendas antigas do Brasil. A preservação e o levantamento de um estudo mais aprofundado são fundamentais para a constituição e resgate da história de nossa cultura, uma vez que muitos fatos e decisões importantes foram tomadas nessas notáveis propriedades rurais. É exatamente os jardins das fazendas históricas mineiras o local onde se pode observar a influência portuguesa de associar o jardim à horta e ao pomar (DELPHIM, 2005).

Na região sul de Minas Gerais existe diversas fazendas históricas dos séculos passados, as quais surgiram logo depois do processo de povoamento da região e sempre estiveram presente na história e na cultura da população.

O processo de povoamento da região do sul de Minas Gerais iniciou-se quando Bandeiras paulistas invadiram os sertões e desbravaram-nos. Após os primeiros indícios da existência de ouro no território, muitos outros paulistas, colonos locais e portugueses foram para Minas Gerais encorajados pela esperança do ouro ainda não explorado. O ciclo da exploração de ouro no país ocorreu durante todo o século XVIII e tornou-se responsável pelo surgimento de inúmeros núcleos de povoação na região (CALAES et al., 2008), formaram-se também locais de pousos e ranchos que serviam de apoio aos bandeirantes (VASCONCELLOS, 1977).

O início da agricultura no território mineiro foi composto de um método muito simples, definido como de “fogo e enxada” ao qual o processo era derrubar, queimar, limpar, semear e colher. Assim foi se formando a atual paisagem pastoral mineira, muito diferente do que há 260 anos (BOXER, 1963).

Em 1714 comarcas em Minas foram criadas, essas dividiram o território em áreas com características próprias, a comarca do Rio das Mortes era o que representa hoje o sul do estado (CRUZ, 2010). Muitas pessoas por sua vez consideraram mais lucrativas as atividades agrícolas à mineração, já que a procura de alimentos era ainda muito maior do que a quantidade disponível na região, conservando assim preços altíssimos. Muitas fazendas e pequenas granjas se formaram rapidamente ao longo das estradas, nas quais se plantavam roças, principalmente de milho, abóbora, feijão e em alguns casos batata. Em 1703, já se tinham uma significativa criação de porcos e galinhas ao redor dos campos auríferos que lentamente estavam se transformando em vilas (BOXER, 1963).

A procura pelas primeiras concessões de sesmarias ocorreu nesse período. “Sesmaria são propriamente as datas de terra, casas, ou pardieiros, que foram, ou são de alguns Senhores, e que já em outro tempo foram lavradas e aproveitadas, e agora o não são” (LIMA, 1990). Essas sesmarias eram terras demarcadas com área de 3 léguas em quadra¹ (AMATO, 1996). E a partir dessas concessões diversas fazendas foram surgindo e se desenvolvendo na região do Rio Grande (GARCIA, 2012).

As cidades de Cruzília e Carrancas estão inseridas no Caminho Velho da Estrada Real, considerado o maior e mais antigo. Tinha como objetivo ligar as minas e o porto de Parati, no Rio de Janeiro (CARVALHO, 2010). Em 1999, foi criado o Instituto Estrada Real (ER, 2013) e atualmente, ao longo da Estrada Real são encontrados inúmeros atrativos ecológicos, históricos, culturais, gastronômicos e arquitetônicos, com enorme potencial turístico.

Esse caminho nos séculos XVII, XVIII e XIX foi muito percorrido por mineradores e mercadores que abasteciam as vilas mineiras, principalmente, como fluxo de escoamento da exploração do ouro e de diamantes (CARVALHO, 2010). Na região onde se situa a atual Fazenda Traituba, era mais compensatório dedicar-se a atividades agrícolas e comerciais, pois muitos viajantes passavam precisando reabastecer os produtos de suas necessidades, e ouro não havia naquelas terras (AMATO, 1996). Considerando os registros do viajante francês Saint-Hilaire (1822) conclui-se que as terras da comarca do Rio das Mortes eram terras muito procuradas na época, famosas por suas qualidades agrícolas. Muitas fazendas se formaram nessa região no século XVIII, pois essa fama atraía os que já estavam desanimados com a mineração do ouro que já entrava em sua fase de decadência, e almejavam novas riquezas e novas posses. Foi nesse período que a atual paisagem rural sul-mineira composta de diversas fazendas históricas iniciou seu processo de formação.

¹ 1 légua quadrada corresponde a aproximadamente 4.356 hectares

As fazendas formaram um sistema de subsistência, onde tudo o que consumiam era produzido na própria propriedade, necessitando apenas de sal e querosene, motivo de orgulho de muitos fazendeiros da época (AMATO, 1996).

O resgate histórico-cultural e paisagístico da Fazenda Traituba tem sua importância devido ao fato de ser uma fazenda que muito representa a cultura do município de Cruzília e região. Este estudo ainda pode contribuir para sua conservação e valorização cultural, uma vez esta pesquisa é inédita e a fazenda está situada no chamado Caminho Velho da Estrada Real, evidenciando assim, seu enorme potencial turístico.

O objetivo do presente estudo foi fazer um resgate histórico-cultural e paisagístico da Fazenda Traituba demonstrando suas principais transformações morfológicas e sociais, desde sua origem, e identificando também sua representação no inconsciente coletivo dos habitantes do município de Cruzília, MG e região. Para isso foi preciso aprofundar o conhecimento na história desse território mineiro e na formação de suas fazendas históricas no período pós-descobrimto do ouro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para um melhor entendimento das transformações ocorridas no território mineiro e a formação de suas fazendas históricas após o descobrimento do ouro, é necessário que a história seja lembrada.

2.1 O descobrimento do ouro das Minas Gerais

O processo de povoamento da região do sul de Minas Gerais iniciou-se quando Bandeiras paulistas invadiram os sertões e desbravaram o desconhecido. Após os primeiros indícios da existência de ouro no território, muitos outros paulistas, colonos locais e portugueses vieram para Minas Gerais encorajados pela esperança da riqueza ainda não explorada. Como o objeto de pesquisa está localizado ao sul do estado, os fatos históricos mais importantes ocorridos na região são lembrados e brevemente descritos, tentando interligá-los com a formação das fazendas históricas sul-mineiras principalmente a Fazenda Traituba, objeto principal de pesquisa deste trabalho.

2.1.1 O Brasil colônia

A situação brasileira perante Portugal era de desinteresse e de poucas expectativas nos primeiros anos de sua descoberta, pois a única atividade do país era a extração do pau-brasil. A população europeia absorvia facilmente a madeira exportada pela Terra de Santa Cruz, entretanto, a situação da colônia não era satisfatória. A exploração da madeira se fazia de maneira muito primitiva, usava-se apenas a mão de obra de ameríndios muitas vezes escravizados pelos portugueses, não existia sequer cavalos ou burros no território para ajudar no transporte (GOLGHER, 1982), o qual era feito pelos

nativos e com grande demora como confirma Lery (1594), que o tempo para o carregamento de um navio demorava em média um ano. Essa situação não atraía muitos imigrantes. Os homens que iniciaram a colonização do país eram quase sempre gente perseguida: judeus e cristãos (GOLGHER, 1982).

Essa primeira fase histórica do Brasil se finaliza quando por volta de 1530 os judeus introduzem a cultura da cana para a fabricação do açúcar, produto esse muito apreciado e valorizado na Europa (GOLGHER, 1982). Essa segunda fase tem destaque importante na história pela vinda de escravos negros africanos, o que provocou um aumento rápido e significativo no índice demográfico do país. No século XVII, o país passou a render grandes lucros para Portugal (GOLGHER, 1982). E em 1628 já existiam no país 235 engenhos de açúcar (Figura 1).



Figura 1 Engenho com capela no século XVII. Óleo sobre madeira de Fran Post
Fonte: Cruz (2010).

A atividade açucareira foi importante até a segunda metade do século XVII. A crise do açúcar no país não demonstrava melhorias, pois a conjuntura dos fatos e a situação portuguesa eram difíceis. Porém é nessa mesma época que o ouro das Minas Gerais é descoberto (GOLGHER, 1982).

2.1.2 Os bandeirantes paulistas

Pode-se considerar que os dois primeiros séculos de colonização do Brasil pelos portugueses se restringiram a faixa litorânea do país. Entretanto, os colonizadores sempre foram movidos pela convicção da existência de minas de metais e pedras preciosas em lugares desconhecidos do território (BOXER, 1963).

Apesar de não bem sucedidas, algumas expedições foram formadas no início do século XVI, quando em 1531, ordenado pela corte de Lisboa, Martim Afonso de Souza, organizou uma expedição em busca das minas (AZEVEDO, 1929). Essa é considerada a primeira tentativa da descoberta de metais e pedras preciosas, porém não teve um final feliz, os homens que a compunham foram exterminados pelos índios (GOLGHER, 1982).

Nesse período diversos mapas do Brasil (Figura 2) começaram a ser desenhados por aventureiros que andavam os sertões, criando rotas e vias de penetração muito antes da descoberta do ouro, porém esses caminhos quase sempre eram desconexos entre si e ligavam pontos distantes onde seu único meio de ligação, a via marítima (CRUZ, 2010).

As primeiras descobertas de ouro no Brasil datam dos séculos XVI e XVII, onde as chamadas entradas² ou bandeiras³ foram motivadas pelo desejo de conquistar as fontes de matérias-primas mineiras (CALAES et al., 2008). As bandeiras formadas pelos então nomeados bandeirantes foram as grandes responsáveis pela descoberta do ouro em Minas Gerais.

² De acordo com Mota e Braick (2002), *entradas* eram expedições oficiais que saiam do litoral para o interior, com o objetivo de aprisionar indígenas e procurar minas de metais preciosos.

³ *Bandeiras* eram expedições organizadas por bandos particulares de São Paulo com diferentes objetivos: escravizar índios, procurar pedras e metais preciosos e destruir quilombos (MOTA; BRAICK, 2002).

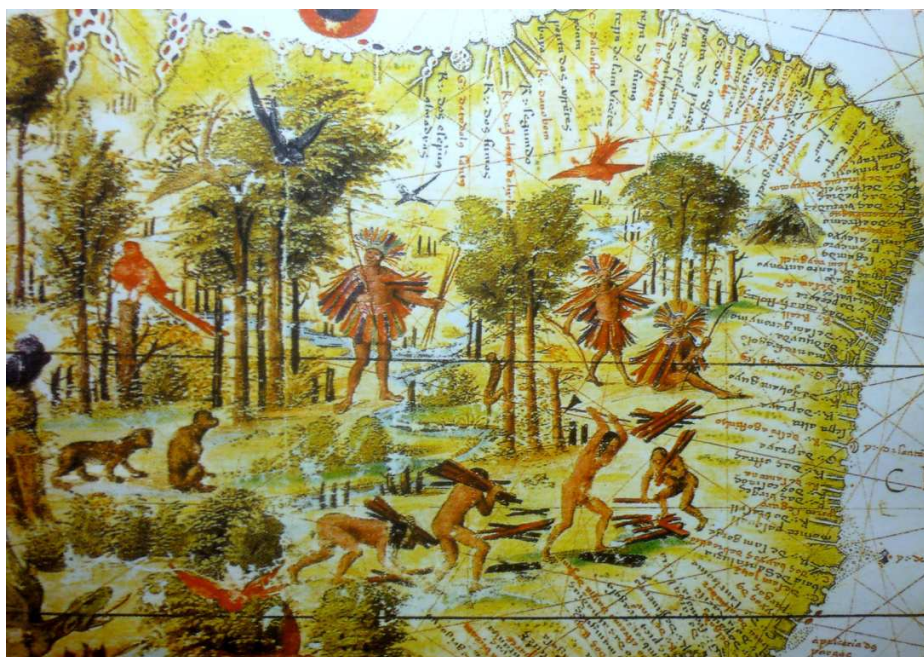


Figura 2 Parte da 4ª folha do Atlas Miller - O território da América Portuguesa.
Manuscrito sobre pergaminho: lobo e homem 1519
Fonte: Costa (2007).

O grande interesse inicialmente dos bandeirantes era a captura de índios com o intuito de usá-los nos árduos trabalhos de suas lavouras (BOXER, 1963). Esses ao mesmo tempo também procuravam ouro, prata, e esmeraldas durante as buscas. Muitos paulistas falavam o tupi-guarani, mesmo aqueles que eram formados em colégios jesuítas se consideravam bilígues (BOXER, 1963).

Considerando o território mineiro, o primeiro homem que penetrou nos sertões foi Francisco Bruza Spinosa em 1553, entretanto essa expedição não foi bem sucedida novamente (GOLGHER, 1982). Outros registros também comprovam que, por essa região, outros bandeirantes passaram como João Pereira de Souza Botafogo, em 1596, porém não é muito clara a sua rota. Houve ainda outros aventureiros no século XVII como Jerônimo da Veiga, 1643;

Sebastião Machado Fernandes Camacho entre os anos de 1645 e 1648; entre outros (SILVA, 1967).

Foi Fernão Dias Paes Leme, nomeado Governador das Esmeraldas, o primeiro a abrir caminhos pelos Campos dos Cataguases (AMATO, 1996). No ano de 1673, chefiando até então a maior bandeira paulista, Fernão Dias, acatando os pedidos do rei, uniu seu grupo formado por índios agregados, seus dois filhos, um legítimo, Garcia Rodrigues Pais e um natural, José Dias, juntamente com seu genro Manuel Borba Gato e mais alguns aliados entrando então no sertão em busca da Lagoa Encantada, onde seriam encontradas as sonhadas esmeraldas. Fernão Dias depois de muito esforço morreu quando voltava para São Paulo às margens do Rio das Velhas de malária acreditando ter encontrado suas esmeraldas, mas a verdade é que foram encontradas turmalinas, pedras verdes sem valor alto (AMATO, 1996).

Nos anos que seguiram Dom Rodrigo de Castel-Blanco também se aventurou pelos sertões, porém esse em busca de prata (AMATO, 1996). Castel-Blanco foi assassinado em 28 de agosto de 1682 na zona do Sumidouro, onde Manuel de Borba Gato estava envolvido nas suspeitas do crime. Este último temendo o aprisionamento se refugiou na região do Rio das Velhas onde encontrou ouro de aluvião em quantidades expressivas, porém Manuel Borba guardou segredo de sua descoberta (AMATO, 1996).

Esse fato se mistura com outros que também relatam terem achado ouro de aluvião, entretanto as quantidades não satisfaziam o medo pela fúria dos índios ali encontrados (BOXER, 1963). Existe uma teoria de que o ouro não foi descoberto pelos paulistas e sim por aventureiros procedentes da Bahia e outros Estados do nordeste, os quais teriam penetrado o território até a região de Sabarabuçu através do Rio São Francisco e do Rio das Velhas.

Muitas são as teorias, porém o que se conclui é que a descoberta do ouro ocorreu no fim do século XVII, entre os anos 1693 a 1695 (BOXER, 1963).

2.1.3 Primórdios da formação de vilas e fazendas

A descoberta do ouro nos territórios mineiros gerou um grande alvoroço em toda a colônia. O ciclo da exploração de ouro no país ocorreu durante todo o século XVIII e tornou-se responsável pelo surgimento de inúmeros núcleos de povoação na região (CALAES et al., 2008). Depois da abertura dos caminhos realizada primeiramente por Fernão Dias e seu grupo, outras rotas e trilhas foram consolidadas e nelas muitos arraiais se estabeleceram, formaram-se também locais de pousos e ranchos que serviam de apoio aos bandeirantes (VASCONCELLOS, 1977).

Em todo o Brasil, diversas pessoas de diferentes classes sociais se mobilizaram, organizaram-se e vieram para Minas em busca de uma vida melhor, muitos de longe, abandonando seus Estados e suas famílias. Esse fato preocupou a coroa portuguesa, pois, nas principais cidades do país, não se tinha mais mão de obra facilmente encontrada como antes e até mesmo alguns dos engenhos de açúcar foram abandonados.

Em 1714 comarcas em Minas foram criadas, essas dividiram o território em áreas com características próprias, a comarca do Rio das Mortes era o que representa hoje o sul do estado (CRUZ, 2010).

As vilas paulistas tiveram um grande aumento populacional e, em Minas, foram criadas novas vilas. As duas cidades brasileiras da época, São Paulo em 1711 e Mariana em 1745 foram erigidas no século XVIII e ainda outras treze vilas mineiras foram criadas (MORAES, 2005).

A capital do Brasil foi transferida em 1763 para o Rio de Janeiro. Uma verdadeira onda migratória composta, não só por brasileiros, mas em grande maioria por pessoas de várias regiões de Portugal se formou em direção às minas de ouro. Segundo Cruz (2010), a população em pouco mais de cem anos (1690 - 1798) passou de 300 mil para 3,25 milhões de habitantes. A importação de

negros africanos atingiu seu ápice entre os anos de 1730 e 1750, e os escravos passaram a representar 48,8% da população da colônia (BOXER, 1963).

Em função da intensa imigração para as comarcas de Minas com objetivo apenas de extração de ouro e tendo em vista que os mineiros e aventureiros precisavam comprar todas suas necessidades, os preços dos alimentos atingiram níveis absurdos nas regiões auríferas em Minas Gerais naquela época (BOXER, 1963).

Em consequência, muitas fazendas e pequenas granjas se formaram rapidamente ao longo das estradas, nas quais se plantavam roças, principalmente de milho, abóbora, feijão e em alguns casos batata. Em 1703, já se tinham uma significativa criação de porcos e galinhas ao redor dos campos auríferos que lentamente estavam se transformando em vilas (BOXER, 1963).

Muitos por sua vez consideraram mais lucrativas as atividades agrícolas à mineração, já que a procura era ainda muito maior do que a quantidade disponível de alimentos, conservando assim preços altíssimos. Esse início da agricultura no território mineiro foi composto de métodos muito simples, definidos como de fogo e enxada. Primeiramente o proprietário de escravos mandava esses derrubarem as árvores e a vegetação rasteira até onde conseguiam. Algumas semanas eram esperadas até que a vegetação secasse e em sequência o fogo era ateado. Quando então o terreno ficava limpo, os escravos revolviam o solo com enxadas e semeavam. Quando a fertilidade da terra diminuía esses grupos se moviam e limpavam outra área repetindo o processo de derrubar, queimar, limpar, semear e colher. Assim, foi-se formando a atual paisagem que se tem hoje, muito diferente do que há 260 anos. A importação de gado em pé vindos da Bahia e em menor quantidade de São Paulo, perdurou por muitos anos em Minas até que fazendas de criação foram instaladas (BOXER, 1963).

Os mineradores, assim como toda a população por sua vez sempre se mostraram muito religiosos e em quase todas as situações ao encontrarem ouro em quantidades expressivas, construíam simples capelas próximas aos locais de extração ou, às vezes, apenas altares com a imagem de algum santo. No entorno dessas capelas os núcleos eram formados, chamados arraiais (BRANDÃO, 2006; TEIXEIRA, 2009).

No início do século XVIII, tudo era transportado para Minas Gerais com o objetivo de atender à demanda gerada pela grande imigração sobre os ombros e cabeças dos negros e ameríndios escravos. Essa situação durou bastante tempo até a introdução de mulas, burros e asnos como animais de carga. A utilização do cavalo também só veio a ocorrer anos mais tarde (BOXER, 1963).

Toda essa situação criou uma grande oportunidade. Muitas riquezas se formaram e muitas também se perderam. As pessoas que conseguiram manter suas fortunas, quase sempre não dependeram apenas da mineração, mas conseguiram combinar suas atividades de extração de ouro em conjunto com lavouras, comércio de escravos e mercadorias (BOXER, 1963).

Foi nesse período que se encontrou os primeiros indícios de formação de fazendas na região da comarca do Rio das Mortes, onde com o tempo, a exploração de ouro passaria a ser deixada de lado, pois o ouro já não era tão facilmente encontrado e suas quantidades não eram mais satisfatórias (BOXER, 1963). Era mais compensatório dedicar-se a atividades agrícolas e comerciais, pois muitos viajantes ainda passavam por aquela região precisando reabastecer os produtos de suas necessidades. As fazendas, ainda assim, formaram um sistema de subsistência, onde tudo o que consumiam era produzido na própria propriedade, necessitando apenas de sal e querosene, motivo de orgulho de muitos fazendeiros da época (AMATO, 1996).

2.1.4 Formação de sesmarias

“Sesmaria são propriamente as datas de terra, casas, ou pardieiros, que foram, ou são de alguns Senhores, e que já em outro tempo foram lavradas e aproveitadas, e agora o não são” (LIMA, 1990). Essa lei de concessão foi modificada de acordo com os interesses e necessidades da coroa e de sua colônia. No período em que o ouro era explorado em Minas, os interessados em adquirir sesmarias se justificavam aptos à concessão, pois diziam serem donos de muitos escravos, terem grande criação de gado e tropas, possuírem muitos filhos, e por isso, necessitavam de mais terras.

Essas sesmarias eram terras demarcadas com área de 3 léguas em quadra⁴ (AMATO, 1996). As sesmarias não davam o direito de propriedade privada aos sesmeiros, os quais eram considerados concessionários das terras, pois, em um período de dois anos deveriam tornar a terra produtiva, caso contrário, perderiam seus direitos de uso da terra.

O período de descobrimento do ouro causou uma rápida procura pelas primeiras concessões de sesmarias. Em 1710, o Arquivo Público Mineiro catalogou cerca de 7.985 sesmarias em Minas Gerais (AMATO, 1996). Essas áreas, que eram consideradas grandes, foram aumentadas por meio de futuros pedidos de outros membros da mesma família e/ou ainda com casamentos arranjados com objetivos de juntar posses de terras das famílias, formando assim grandes latifúndios na região.

Sabe-se que em Carrancas - MG, município vizinho a Cruzília - MG, a primeira carta de sesmaria que foi passada aconteceu no ano de 1713, quando Domingos Martins Guerra, Procurador Geral do Conde Donatário, passou a

⁴ 1 légua quadrada corresponde a aproximadamente 4.356 hectares

concessão ao Capitão Manoel Garcia Velho, que dois anos mais tarde, em 1715, vendeu suas terras a João Toledo Piza e Castelhanos (AMATO,1996).

O viajante francês Saint-Hilaire (1974) fez alguns relatos ao passar pela região em sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, como:

retalhou-se o solo pelo sistema de sesmarias, concessões que só se podiam obter depois de muitas formalidades e o propósito das quais era necessário pagar o título expedido. O rico, conhecedor do andamento dos negócios, tinha protetores e podia fazer bons favores; pedia-as para cada membro de sua família e assim alcançava imensa extensão de terras (SAINT-HILAIRE, 1822).

Ainda, considerando os registros do viajante, conclui-se que as terras da comarca do Rio das Mortes eram terras muito procuradas na época, famosas por suas qualidades agrícolas. Muitas fazendas se formaram nessa região nos séculos XVII e XVIII, pois essa fama atraía os que já estavam desanimados com a mineração do ouro que já entrava em sua fase de decadência, e almejavam novas riquezas e novas posses.

...o gado dos arredores do Rio Grande tem justificada fama, graças ao tamanho e força. Alimentados em ótimos pastos, as vacas dão leite quase tão rico quanto o das nossas montanhas. Com ele se faz grande quantidade de queijos exportados para o Rio de Janeiro... (SAINT-HILAIRE, 1822).

Esse sistema de concessão de terras por cartas de sesmarias foi extinto por Resolução de 17 de julho de 1822 que criou o hábito de posse de terras quando a Lei de Terras (lei nº 601 do Império) foi promulgada em 1850 (DUARTE, 2013). Após essa aprovação, os sesmeiros e outros proprietários de terras eram obrigados a registrarem suas terras, registro feito nas igrejas entre os

anos de 1854 e 1856, regularizando a situação dos os proprietários, esse fato foi chamado de 'Registro Paroquial de Terras' (AMATO, 1996).

Foi a partir dessas concessões iniciais de sesmarias que se formaram as fazendas históricas que hoje existem na região do sul de Minas. A maioria dos primeiros sítios com o passar dos anos mudou de nome, se desmembraram em pequenas outras fazendas e os proprietários quase sempre não são mais descendentes da família que obteve a terra inicialmente (AMATO, 1996).

Muitas dessas fazendas ainda conservam suas sedes e sua tradição, mas é notável e triste relatar que muitas deixaram de existir. Essas fazendas que hoje não existem mais se observam com dificuldade apenas ruínas, pois as construções foram abandonadas e se perderam com o tempo por diversas razões, muitas famílias entraram em falência e mesmo com desejo de conservar suas raízes, não foram capazes de manter suas estruturas financeiramente inviáveis. Fazendas foram e ainda são vendidas a pessoas que não pertenciam e não pertencem às famílias tradicionais, essas por sua vez não possuíam e ainda não possuem muitas vezes o interesse de conservar a cultura e a história da região. Em outras fazendas ainda os próprios donos desfizeram e demoliram casas e sedes a fim de aproveitar o material em outras construções próprias ou até mesmo atualmente para vender as valiosas peças de madeiras entre outros artigos encontrados nessas antigas construções (GARCIA; SALGADO, 2013).

2.2 Breve história de Carrancas e Cruzília

As cidades de Carrancas e Cruzília se localizam na região sul de Minas Gerais (Figura 3) onde no início da colonização do estado pertencia a comarca do Rio das Mortes. Nessa região existem além da fazenda Traituba, diversas outras fazendas históricas importantes. A fazenda Traituba é uma dessas importantes propriedades com valor histórico e hoje tem sua sede localizada no

município de Cruzília, porém no início alguns hectares da fazenda pertenciam ao município de Carrancas.



Figura 3 Mapa de localização dos Municípios de Carrancas e Cruzília – MG
Fonte: Cruzília (2012b).

As histórias da formação dessas cidades têm muitos aspectos em comum, uma vez que surgiram na mesma época, quando o ouro tinha sido descoberto em Minas e suas terras estavam sendo desbravadas (AMATO, 1996; PAROQUIA DE CRUZILIA, 2013). Ambas localizam-se ao longo da chamada Estrada Real, e estão distantes apenas 70 km (ESTRADA REAL, 2013).

Antes da formação de quaisquer aglomerações que lembrem um arraial, essas regiões foram povoadas em sua maioria, por antigos mineradores, que quase sempre eram paulistas e portugueses. Esses, com a decadência do ouro, viram a oportunidade de obtenção de sesmarias para a formação de grandes fazendas produtoras de alimentos (AMATO, 1996).

A população daquela época era muito religiosa e tinha a necessidade da presença de um templo religioso nas fazendas e nos povoados cujas construções iniciais eram capelas ou oratórios dedicados a algum santo (AMATO, 1996; GARCIA; SALGADO, 2013). A construção de uma capela sempre foi um marco na história da formação de diversos arraiais da época, sempre com um largo a sua frente e casas e comércios rodeando essa futura praça (ROBBA; MACEDO, 2002). A história da formação de Carrancas e Cruzília não foi diferente, porém, nessas tem-se ainda o relato de que no início também existiram rústicas construções onde era praticado o comércio (AMATO, 1996; PAROQUIA DE CRUZILIA, 2013).

O paulista natural de Taubaté, João de Toledo Piza Castelhanos é considerado o fundador da cidade de Carrancas quando, na primeira metade do século XVIII (1715), mudou-se para a região com sua família após comprar as terras do Capitão Manoel Garcia Velho que ali residia desde 1701. João de Toledo Piza Castelhanos morou anteriormente em Aiuruoca, permaneceu na região de Carrancas por aproximadamente 30 anos e se mudou após esse período, levando consigo todos os seus descendentes por ocasião da sua nomeação como Guarda-mor das Minas da Vila da Campanha da Princesa⁵, até sua morte em 1748 (AMATO, 1996).

Na área das terras de João Castelhanos foi se formando um povoado, fato esse confirmado por um documento de batismo de 1721, confirmando ali a existência de uma capela (AMATO, 1996). Os que na região chegaram tiveram interesse maior na agricultura, pois pouco ouro se encontrava na região, e se tornaram grandes fornecedores de mantimentos aos viajantes que continuavam desbravando os sertões das Minas de Ouro (AMATO, 1996).

Era costume as fazendas possuírem casarões nos arraiais, onde a família se reunia aos domingos de missa e nos dias em que celebravam algum santo.

⁵ Atual município de Campanha. Cidade localizada no sul de Minas Gerais.

Porém, muitas fazendas construíram suas próprias capelas, diminuindo cada dia mais as idas à cidade, cujas visitas eram feitas apenas quando se faltavam sal e querosene (AMATO, 1996).

Saint-Hilaire, viajante francês descreve Carrancas (Figura 4) em relatos de 1822 quando passou pela vila como: “... uma pequena aldeia situada numa encosta de colina com umas vinte casas construídas em volta de uma praça coberta de grama...” (SAINT-HILAIRE, 1822).

Nesses relatos, ainda refere-se a grande produção de leite do gado da região e ainda relata os bons queijos produzidos no local que eram exportados para o Rio de Janeiro (AMATO, 1996).



Figura 4 Vista de Carrancas

Fonte: Biblioteca Municipal Castro Alves de Carrancas (2012).

A cidade de Carrancas, diferentemente da maioria dos municípios encontrados na região, manteve-se com aspecto peculiar desde seu surgimento. A população, de acordo com Amato (1996), só conseguiu ultrapassar o número

de 4000 habitantes no século XX. No entanto, de acordo com dados do IBGE (2010), a cidade possui atualmente 3.948 habitantes. A cidade sempre se mostrou com um aspecto semelhante ao descrito por Saint-Hilaire em 1822, modificando um pouco apenas depois de sua emancipação em 1949 (AMATO, 1996).

Carrancas se localiza na mesorregião Campos das Vertentes, com altitude acima de 1000 metros possui clima ameno e agradável, como municípios limítrofes tem-se Itutinga, São Vicente de Minas, Minduri, Luminárias, Nazareno, São João Del Rei e Cruzília (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2010).

A cidade sempre possuiu maior parte da sua população em área rural, tendo como base econômica as produções agrícolas encontradas nas pequenas e grandes fazendas em seu entorno (AMATO, 1996).

Atualmente a cidade de Carrancas é famosa por seu grande potencial turístico, especialmente o ecoturismo, pois possui inúmeras cachoeiras (Figura 5), grutas e serras (CARRANCAS, 2012).

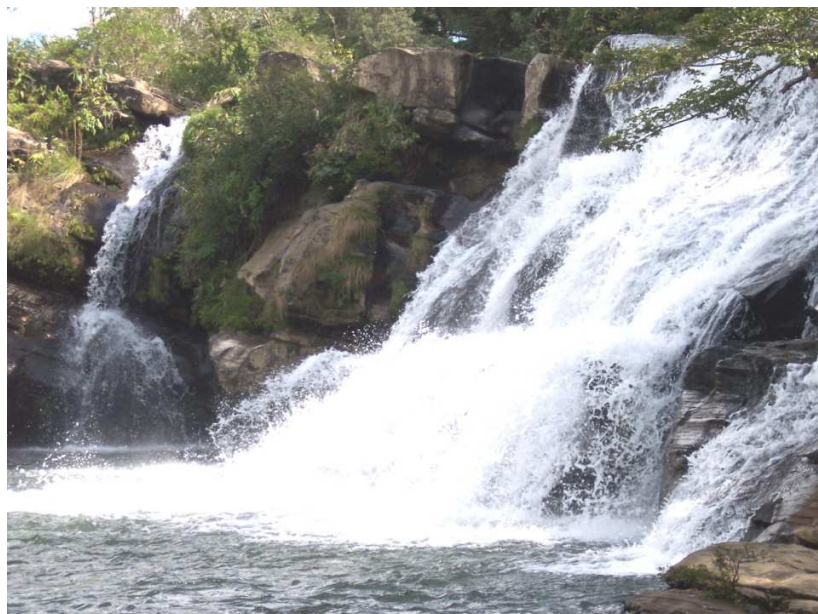


Figura 5 Cachoeira da Fumaça – Carrancas
Fonte: Garcia (2008).

O nome Cruzília vem de Encruzilhada, pois no início da descoberta das terras mineiras, o local onde hoje se situa a cidade, era o encontro de diversos caminhos percorridos por bandeirantes, tropeiros e mineradores vindos do Rio de Janeiro, São Paulo, Aiuruoca que seguia para Carrancas, São João Del Rei e interior da comarca (PAROQUIA DE CRUZILIA, 2012). Esse nome, Encruzilhada é encontrado em registros do antigo distrito de Baependi desde 1718/1720 quando Diogo Pires, Francisco Martins, Tomé de Souza e Silva, Pedro da Silva Góis e Diogo Moreira, moradores em Encruzilhada, estava procurando pagar os devidos quintos à Coroa Portuguesa (CRUZILIA, 2012a). O lugar também é encontrado em roteiros de bandeirantes muito antes dos moradores, porém Manoel de Sá é considerado o primeiro dono das terras da Encruzilhada até a concessão de uma sesmaria a Manoel de Sá em 1726, pelo então, Governador D. Lourenço de Almeida. Foi concedido a Manoel de Sá uma

légua e meia para o lado de Aiuruoca e mais duas léguas de sertão, foi nessa propriedade que seria formado um arraial (CRUZILIA, 2012a). O primeiro registro na agricultura do lugarejo foi em 1730 na região da fazenda do Favacho, onde foi construído posteriormente um cemitério e uma Capela (CRUZILIA, 2012a).

Apenas em 1858 é que foi construído, por Manoel Domingues Maciel, o primeiro comércio em uma colina denominada Serrinha e três anos depois foi edificada a Capela de São Sebastião por Antônio Pinto Ribeiro, e foi nesse local, que o povoado foi se estabelecendo (PAROQUIA DE CRUZILIA, 2013).

Em 1873 o povoado teve sua elevação a distrito de Baependi com o nome de São Sebastião da Encruzilhada. Em 1938 teve seu nome reduzido apenas para Encruzilhada. Em 1948 a vila conquista sua emancipação de Baependi e passa a ser o município de Cruzília (Figura 6) iniciando assim uma nova história (PAROQUIA DE CRUZILIA, 2013; CRUZILIA, 2013).



Figura 6 Praça principal da cidade de Cruzília século XX
Fonte: Garcia (2013).

Cruzília, assim como Carrancas foi uma cidade onde as fazendas eram mais representativas na sua economia a princípio. No início, os grandes fazendeiros também possuíam casas neste pequeno centro urbano e frequentavam as mesmas apenas duas vezes no ano: no dia do padroeiro São Sebastião e durante a Semana Santa, mandavam também seus filhos estudarem no Colégio do Padre João Cândia (PAROQUIA DE CRUZILIA, 2013).

Cruzília é hoje uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, com aproximadamente 14.600 habitantes (IBGE), porém muito conhecida por ser considerada o berço da raça de cavalo MangaLarga Marchador, tendo até hoje um dos melhores plantéis da raça no Brasil, muitos deles criados ainda nas fazendas centenárias do município. Além disso, Cruzília sempre se destacou na pecuária, onde ótimos laticínios se destacam na produção de queijos finos ocupando os primeiros lugares nos *rankings* nacionais. Na cidade existe uma forte indústria moveleira, que merece destaque por sua alta qualidade na produção de móveis sob medida, que são vendidos por todo o território brasileiro (CRUZILIA, 2012a).

[...] Era uma encruzilhada, no caminho de São Paulo para as Minas, no começo do século XVIII. Nessa encruzilhada se fixaram alguns moradores, sob a proteção de São Sebastião. O sítio virou arraial, e o arraial virou município, já agra sem o lindo nome de São Sebastião da Encruzilhada, pois uma das constantes da vida municipal do Brasil é trocar de nomes. Hoje se chama Cruzília (ANDRADE, 1973).

2.3 Fazendas históricas da região

O plantio de algodão, cana-de-açúcar, milho, feijão, arroz e mandioca foram as primeiras espécies cultivadas na região do Rio Grande, com o milho e com a mandioca produziam a farinha e o fubá nos moinhos e monjolos para

comercialização e também para o próprio consumo em forma de broas, quitutes e pães. Da cana era obtida a rapadura e a cachaça nos pequenos engenhos montados pelos próprios moradores das fazendas, a cachaça era muito consumida pelos escravos que a consideravam um remédio muito poderoso (AMATO, 1996).

Pelas vizinhanças de Baependi, Aiuruoca, Pouso Alto e também Carrancas, muito fumo foi plantado e a produção excedente era exportada a outras regiões do país (AMATO, 1996).

A criação de porcos, galinhas, carneiros e burros de carga estavam presentes na cultura das fazendas dessa região. Com o linho do algodão e a lã de carneiros tecidos eram produzidos em rústicos teares domésticos, muitas vezes manuseados pelas escravas mais habilidosas na própria fazenda (AMATO, 1996). Das criações de porcos faziam toucinho e a carne era salgada, defumada ou guardada em latões de gordura de porco para futuro consumo ou ainda para a comercialização das mesmas. A criação de gado leiteiro tinha por finalidade a produção de queijos e manteigas que também eram além de consumidas, exportadas para outras regiões do país (AMATO, 1996).

Muitas árvores frutíferas são encontradas até hoje nessas fazendas formando grandes pomares (Figura 7) e também em alguns quintais das casas na cidade ainda se vê alguns exemplares dessas árvores. Com essas frutas, sempre faziam doces, compotas ou geleias (AMATO, 1996).



Figura 7 Pomar da Fazenda Serra das Bicas – Carrancas
Fonte: Garcia (2012).

A região do sul de Minas Gerais foi povoada antes da invasão dos bandeirantes por ameríndios, muitos deles foram exterminados, portanto alguns conseguiram se esconder pelas matas aparecendo futuramente nas fazendas e arraiais depois de muitos anos. Outros ainda se renderam às forças do homem branco e se misturaram a eles. Essa mistura não só racial mais cultural influenciou muito nos costumes do povo que se formou em Minas Gerais. Muitos hábitos ainda são encontrados na cultura mineira, como palavras que foram derivadas do tupi-guarani, remédios hoje manipulados e formulados, quando no início eram usadas apenas as plantas medicinais *in natura* ou ainda em forma de chás e óleos (GARCIA, 2012).

Observa-se na figura 8 que ilustra índios em uma fazenda do século XIX a presença de espécies como bananeiras, araucárias e palmeiras.

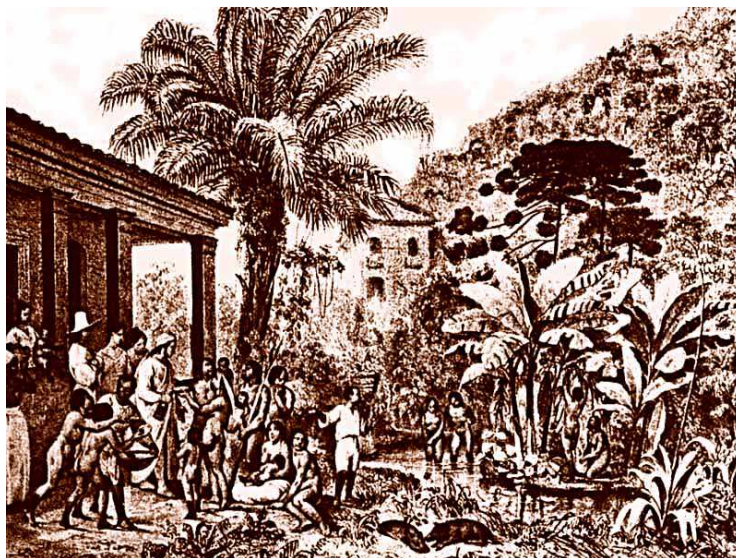


Figura 8 Índios na fazenda
Fonte: (ÍNDIOS..., 2013).

Desde 2007, essas cidades fazem parte do Roteiro conhecido como Caminho Velho, uma das três etapas da Estrada Real, que se tornou rota turística e liga as principais cidades do interior de Minas (ER, 2013).

2.4 O cavalo Mangalarga Marchador

O início da criação de equinos no território brasileiro ocorreu logo após o descobrimento da Terra de Santa Cruz. Os primeiros cavalos que foram trazidos por navios portugueses tinham sua origem na Península Ibérica, vindos das ilhas da Madeira e Canárias (MUSEU MANGA LARGA, 2013).

Na Idade Média e também nos séculos que a precederam, o poder de um povo era medido diante a densidade de uma cavalaria forte e disposta. Os povos Ibéricos, em especial, sempre deram extrema importância aos cavalos (LOPES, 2012).

A introdução de bons cavalos no Brasil aconteceu quando a Família Real (Figura 9) chegou ao território em 1808, e com a sua comitiva, trouxe também garanhões e éguas que foram criadas nas coudelarias reais de Portugal, entre elas vieram animais da coudelaria Alter do Chão, criatório considerado muito nobre na região de Alentejo. Os cavalos foram os responsáveis pela nova paixão da Família Real desde Dona Maria I, seu filho Dom João e seu neto Pedro I (LOPES, 2012).



Figura 9 Imagem de D. João VI – Óleo sobre tela (Réplica)
Fonte: Museu Nacional do Cavalo Manga Larga Marchador.

A história do cavalo no território mineiro se inicia juntamente com a descoberta do ouro. A corrida pelas riquezas, as guerras, como a dos Emboabas (Figura 10) criavam a necessidade dos homens se locomoverem mais rapidamente do que em lombos de burros e mulas. Com o passar dos tempos fazendeiros começaram a criar seus próprios animais e selecioná-los, de acordo com suas necessidades. O território exigia um cavalo resistente, forte, veloz e,

além disso, o cavaleiro que o montava também exigia andadura confortável para seus longos percursos (LOPES, 2012).



Figura 10 Viajantes da Província do Rio Grande – Jean Baptiste Debret 1823
Fonte: Garcia (2013).

Em 1824 D. Pedro I enviou-lhe um garanhão da raça Alter Real. Grande Fazendeiro criador de bovinos, o Barão de Alfenas leva seu novo cavalo a sua Fazenda Campo Alegre, situada hoje no município de Cruzília e inicia ali uma nova criação, onde seu extraordinário garanhão cruza com éguas rústicas da fazenda. Desses cruzamentos surge então um novo tipo de cavalo chamado de Sublime caracterizado pelo andar suave e macio que possuía. Os primeiros cavalos foram usados na lida da fazenda como tração leve (LOPES, 2012).

As características do território mineiro como terrenos íngremes, climas diversos fez desenvolver um cavalo bastante resistente e adaptado às variações do clima. Foi então, no sul do estado, que surgiu uma marcha de tríplice apoio e

a raça Sublime, cavalos considerados muito confortáveis. Essa característica chamou a atenção do rico fazendeiro carioca Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, proprietário da Fazenda Mangalarga, o qual comprou alguns exemplares de Sublimes em Minas e levou para Paty do Alferes, lugar próximo a Corte no Rio de Janeiro. Foi a partir da raça Sublime que surgiu o Mangalarga. O terreno acidentado fez surgir um andamento marchado, onde dois tipos de marcha foram ressaltados de acordo com a preferência de cada fazendeiro, um de marcha picada e outro de marcha batida (LOPES, 2012).

A maioria das famílias mineiras tem sua origem lusitana e isso as influenciou para assumirem tendências culturais e formação de fazendas de criação de gado e de cavalos. Várias linhagens impecáveis foram criadas e melhoradas com o passar dos anos e até hoje existem criadores com ótimos e renomados plantéis na região de Cruzília, como exemplo existem as fazendas, Traituba (Figura 11), Favacho, Angahy, Campo Lindo (JB), Bela Cruz, Narciso, Boa Vista, Cafundó, Campo Alegre, entre outras (GARCIA; SALGADO, 2013).

A boa relação da família Junqueira com a Família Real resultou em um significativo presente a Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas, filho caçula do patriarca João Francisco Junqueira.



Figura 11 Marca atual do plantel de cavalos da Fazenda Traituba
Fonte: Paiva (2013).

Atualmente a Cidade de Cruzília é considerada o berço da raça Mangalarga, inaugurou o Museu Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador que é situado no centro da cidade, no antigo casarão da Fazenda Bela Cruz (CRUZÍLIA..., 2013).

2.5 A Estrada Real

A busca por ouro e pedras preciosas nos sertões das Minas Gerais fez surgir diversos caminhos e entradas deixadas pelos Bandeirantes. Essas entradas foram ampliadas, consolidando-se, com o tempo, uma estrada, que se tornou a principal rota de transporte dos metais das Minas até o Rio de Janeiro e assim foi se consolidando a Estrada Real (CALAES et al., 2008; CARVALHO, 2010) ao longo dos séculos XVII a XIX (BESSA, 2011). Por ser a única via oficial que permitia acesso às regiões produtoras de ouro e pedras preciosas e, principalmente, por ser propriedade da Coroa Portuguesa, ficou conhecida como Estrada Real (BESSA, 2011).

Atualmente, encontra-se em seu trajeto inúmeros atrativos ecológicos, históricos, culturais, gastronômicos e arquitetônicos, com enorme potencial turístico. Em 1999, foi criado o Instituto Estrada Real (ER) pelo Sistema Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, o IER é uma entidade sem fins lucrativos que busca o desenvolvimento sustentável dos municípios inseridos na Estrada Real (ER, 2013).

As Estradas Reais foram responsáveis pela movimentação da economia do país por quase dois séculos. Com aproximadamente 1.400 km de extensão (Figura 12), se localiza nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e envolve mais de 200 municípios (CARVALHO, 2010). Devido à sua grande importância, diversas vilas, cidades e povoados surgiram ao longo de sua rota. As principais cidades históricas de Minas Gerais, por exemplo, fazem parte de

seu caminho. No sul de Minas Gerais, pode-se citar, São João Del-Rei, Lavras, Carrancas, Cruzília, Caxambu, Tiradentes. Com o fim do ciclo do ouro e dos diamantes, a estrada perdeu seu uso e ficou por anos abandonada, o que ajudou em sua conservação (CALAES et al., 2008).

As cidades de Cruzília e Carrancas estão inseridas no Caminho Velho (Figura 12). Esse é considerado o maior e mais antigo dos itinerários da Estrada Real. Tinha como objetivo possibilitar a ligação entre as minas e o porto de Parati, no Rio de Janeiro. Iniciando no porto da cidade de Parati e segue até Diamantina (CARVALHO, 2010). Esse caminho foi muito percorrido por mineradores e mercadores que abasteciam as vilas mineiras, principalmente, como fluxo de escoamento da exploração do ouro e diamantes (CARVALHO, 2010). A duração da travessia de São Paulo a Ouro Preto ou a região do rio das Velhas viajando pelo Caminho Velho, era cerca de 74 dias de viagem. Saindo do Rio de Janeiro, passando por Paraty, a travessia durava cerca de 73 dias, isso compreendendo “35 dias de jornada e 38 de paradas” (COSTA, 2005). O Caminho Velho hoje é considerado por IER (2013), o trajeto que sai de Paraty passa pela Serra da Mantiqueira, pelo Circuito das Águas e termina em Ouro Preto, essa demarcação soma 630 km.



Figura 12 Mapa da Estrada Real
Fonte: Instituto Estrada Real (2013).

Com o aumento do turismo (Ecoturismo e Turismo Rural) na região, cresce o interesse por conhecer a história desses municípios e suas antigas fazendas. Muitos estudos são feitos em relação à arquitetura, cultura, gastronomia e meio ambiente, porém, não se conhece muito da história das fazendas, dos costumes e de seus jardins, que muitas vezes retratam fatos e acontecimentos marcantes durante a formação desses municípios. Portanto, é importante estudar essas fazendas, suas modificações com o tempo e sua importância para o local.

A fazenda Traituba, se encontra em meio a essa estrada, e é considerada ponto de referência para os turistas e mais do que isso, acredita-se que essa região onde está inserida seria um ponto de encontro dos viajantes bandeirantes, pois ali se dividia os caminhos que partiam para diversos sentidos (Figura 13).

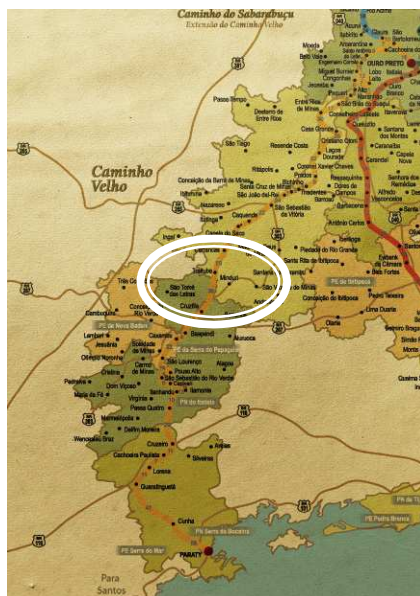


Figura 13 Localização da Fazenda Traituba perante a Estrada Real
 Fonte: Instituto Estrada Real (2013).

2.6 Jardins históricos e sua representação social

O jardim na Antiguidade era um local onde se meditava e contemplava a natureza. Esse modelo de uso continuou na história até o final do século XVIII, onde os jardins se limitavam aos palácios, conventos e mosteiros. No final desse mesmo século e início do século XIX surgiram os espaços ajardinados, como passeios públicos e alamedas destinadas ao uso coletivo (ROBBA; MACEDO, 2002).

Existem várias definições de jardim histórico. De acordo com Andrade (2008) o jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que tenha valores artísticos e históricos para seu público e não apenas por suas particularidades estilísticas ou por suas dimensões. Essa definição aplica-se tanto aos singelos jardins quanto aos parques ordenados ou paisagísticos. Constituem de uma expressão cultural de seu tempo, porém em constante transformação e

evolução devido ao equilíbrio dinâmico dos elementos naturais (ANDRADE, 2008).

O jardim histórico é principalmente constituído por vegetação sendo deteriorável e renovável, com isso, esse jardim necessita de regras específicas para sua preservação e manutenção (ANGELIS; ANGELIS NETO, 2004).

Foi devido a essa necessidade que em 1981, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Histórico-Artísticos, elaborou a Carta de Florença. Essa carta dispõe sobre definição e objetivos; manutenção, conservação, restauração e recuperação; utilização, além da proteção legal e administrativa desses sítios (ANGELIS; ANGELIS NETO, 2004).

A carta serve como documento básico para qualquer ação proposta. Segue abaixo alguns artigos retirados da Carta de Florença (1999) que decorrem sobre atos corretos a favor de sua preservação, sendo visto como um patrimônio cultural importante:

Art. 1. Um jardim histórico é uma composição arquitetural e vegetal, que do ponto de vista da história ou da arte, é um tema de interesse público.

Art. 5. O jardim é a expressão de relação estreita entre a civilização e a natureza, lugar de deleite, próprio à meditação e aos sonhos, o jardim prende seu senso cósmico na imagem idealizada do mundo, ele é um paraíso no sentido etimológico da palavra, mas paraíso que carrega o testemunho de uma cultura, de um estilo, de uma época e eventualmente da originalidade de um criador.

Art.7. Ligado a um edifício, do qual será parte inseparável ou não, o jardim histórico não pode ser separado de seu próprio meio urbano ou rural, artificial ou natural.

Art. 9 A proteção dos jardins históricos exige que eles sejam identificados e inventariados. Impõem intervenções diferenciadas que são a manutenção, a conservação, a restauração. Pode-se eventualmente recomendar a restituição. A autenticidade diz respeito tanto ao desenho e

ao volume de partes quanto ao seu cenário ou à escolha de vegetais ou de minerais que os constituem.

Art. 24. Os jardins históricos são um dos elementos do patrimônio cuja sobrevivência, em razão de sua natureza, exige o máximo de cuidados contínuos por parte de pessoas qualificadas. Convém, pois, que uma pedagogia apropriada assegure a formação dessas pessoas, quer se trate de historiadores, de arquitetos, de paisagistas, de jardineiros ou de botânicos.

Jardim histórico deve ser considerado aquele que possui significado cultural, capaz de fortalecer a memória e a identidade de uma sociedade (ANDRADE, 2008). Sobre os jardins históricos, Delphim (2005) afirma:

[...] Os jardins históricos podem levar os visitantes a novas atitudes, ao vislumbre de realidades até então despercebidas. Sua leitura não é apenas espacial mas temporal, estende-se a estratos subterrâneos e estados pretéritos da história do homem, da natureza e da terra. Preservá-los é um ato de respeito à vida, ao equilíbrio ambiental, à obra e ao legado humanos. Defendê-los é induzir gerações contemporâneas e futuras a atitudes de maior zelo por seu patrimônio. Os jardins históricos são o mais rico exemplo de testemunho da relação entre a cultura e a natureza, testemunho que se preserva no caráter das intervenções realizadas no local e no estado de espírito dos que dele usufruem. [...]

O jardim histórico possui diferentes objetivos. Ele pode desenvolver a consciência de respeito pelo ambiente em diferentes manifestações como patrimônio da coletividade. Pode também ajudar na conservação de sítios de interesse histórico, ambiental e cultural (ANGELIS; ANGELIS NETO, 2004).

O estudo desses sítios proporciona a relação entre a sociedade presente, futura e passada. Representa o resgate da cultura de outros tempos. Desconhecer seus atributos e seu significado histórico-cultural-artístico é ignorar uma rica e talvez única fonte de informação e conhecimento sobre determinado local (ANGELIS; ANGELIS NETO, 2004).

2.6.1 Jardins históricos brasileiros

Sabendo que a arte dos jardins foi introduzida no Brasil pelos colonizadores, na sua grande parte composta de europeus, torna-se interessante refletir na ressalva de Delphim (2005) sobre a sociedade colonial brasileira. Essa não foi apenas uma extensão das culturas locais, mas uma transposição de leis, costumes e equipamentos das metrópoles colonizadoras. A sociedade foi formada a partir da diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais que, desde muito cedo, viveu a difícil situação de contato entre formas primitivas e formas requintadas.

Evidentemente, o jardim nascido no Brasil também sofreu essas influências, já que foi criado seguindo os padrões Europeus, sendo, praticamente importado, e foi se transformando à medida que se formava uma nova sociedade (DELPHIM, 2005). No início a cidade era considerada o oposto do meio rural, depreciando-se a vegetação (GOMES, 2007).

Difíceis de serem encontrados nas cidades coloniais brasileiras, os jardins quase sempre estavam inseridos às propriedades religiosas ou aos quintais das residências, ao qual sua função era apenas utilitária. Neles predominavam o cultivo de hortaliças, árvores frutíferas e plantas medicinais. Eram áreas de apoio a cozinha, como hortas e quintais (ROBBA; MACEDO, 2002).

Os primeiros locais ajardinados urbanos do país surgiram no século XVIII, e no final desse século o Passeio Público do Rio de Janeiro foi construído. Essa construção foi motivada pelas novas ideias europeias, porém as diferenças entre as duas sociedades, levaram o logradouro à decadência. Esse só foi restaurado e reaberto em 1862, ao qual o paisagista Auguste François Marie Glaziou foi o responsável pela reforma. Isso ocorreu quando uma elite urbana

com hábitos de frequentar os jardins públicos estava se consolidando no país (ROBBA; MACEDO, 2002).

Essa reforma aconteceu contemporaneamente com a proliferação dos jardins em residências, a abertura dos jardins botânicos para visitação pública e a arborização urbana. A população passou a valorizar o uso da vegetação para embelezamento de ruas e de seus quintais, agora denominados jardins. Essas mudanças fizeram surgir um novo hábito: o da jardinagem (ROBBA; MACEDO, 2002).

Nessa época os palacetes emoldurados por jardins românticos e clássicos começaram a surgir. O recuo adotado ao alinhamento da rua e o afastamento das construções das divisas dos lotes eram sinais de riqueza nas cidades brasileiras do final do século XIX e início do século XX. Além disso, ruas e praças passaram a receber tratamento de jardim, ornamentadas com flores e árvores ornamentais (ROBBA; MACEDO, 2002).

O enriquecimento do país advindo da exportação de café e borracha no final do século XIX e a influência cultural exercida pela França e Inglaterra proporcionaram o surgimento de campanhas de modernização, salubridade e embelezamento das cidades. O país tinha a necessidade de conectar-se melhor com a nova ordem social, econômica e produtiva do mundo e todos esses planos de embelezamento e reformas urbanas tinha por objetivo modernizar o país. Nesse período a nova tipologia de “praça ajardinada” surge. Os usos das praças coloniais como, comércio, manifestações políticas e religiosas perde algumas funções e a “praça ajardinada”, agora passa a ser um belo cenário ajardinado destinado às recreações, ao lazer contemplativo, a convivência da população e ao passeio (ROBBA; MACEDO, 2002).

O Ecletismo é uma linha de projetos de paisagismo brasileiro, ao qual engloba desde os jardins do final dos anos setecentistas até as grandes praças ajardinadas construídas nas primeiras décadas do século XX caracterizada pelo o

uso de vários estilos. Sua influência pode ser notada até o final do século XX. O uso de vegetação em espaços públicos no Brasil se faz presente até os dias atuais, devido à necessidade de trazer o verde para os centros urbanos (ROBBA; MACEDO, 2002).

Alguns acreditam que o Brasil por ser uma nação jovem, não tem o que oferecer, não justificando estudos na área de jardins históricos. Os exemplares existentes são geralmente desconhecidos da grande maioria e muito pouco valorizados. Nesse sentido, em 1985, a Fundação Nacional Pró-Memória, por intermédio do engenheiro arquiteto Carlos Fernando de Moura Delphim e outros profissionais, criou o Programa Jardins Históricos, dando início aos primeiros estudos sobre a temática (ANDRADE, 2008).

Em 2010, aconteceu o I Encontro Nacional de Gestores de Jardins Históricos no qual foi organizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pelo Museu Mariano Procópio (Mapro) e pelo Museu da Casa de Rui Barbosa, de Juiz de Fora. Nesse momento, diferentes especialistas ligados à preservação de patrimônio cultura e natural discutiram questões referentes à preservação e gestão dos jardins históricos e elaboraram a “Carta dos jardins históricos brasileiros”, dita “Carta de Juiz de Fora”.

Nessa considera-se um jardim histórico os sítios e paisagens agenciados pelo homem, como, por exemplo, jardins botânicos, praças, parques, largos, passeios públicos, alamedas, hortos, pomares, quintais, jardins privados e jardins de tradição familiar. Além desses, jardins zoológicos, claustros, pomares, hortas, cultivos rurais, cemitérios, vias arborizadas de centros históricos, espaços verdes circundantes de monumentos ou de centros históricos urbanos, áreas livres e espaços abertos em meio à malha urbana, entre outros. O objetivo da carta é atender às exigências de orientação técnica voltada para a preservação dos jardins históricos uma vez que esses são boas referências de como se resume e se

concentra a relação do homem urbano com o meio ambiente natural (CARTA DE JUIZ DE FORA, 2010).

Um dos fenômenos mais decisivos que transformaram a paisagem natural do território brasileiro foi a agricultura, sempre com poucos registros de jardins no país. As fazendas históricas datadas do século XVI, XVII e XVIII adotaram o sistema “casa-grande-senzala” e juntamente ao conjunto de obras arquitetônicas foi associado um tratamento paisagístico em tentativas de enobrecer as propriedades. Esse paisagismo rural pode ser visto em forma de hortas e pomares compostos, quando possível, por frutíferas exóticas como mangueiras, abacateiros, limoeiros, laranjeiras, etc. É exatamente nos jardins das fazendas históricas mineiras o local onde se pode observar a influência portuguesa de associar o jardim à horta e ao pomar (DELPHIM, 2005).

Os jardins históricos devem ser considerados não apenas em suas praças e jardins públicos, mas também deve-se dar importância a seus primeiros manifestos que são encontrados em forma de jardim-pomar, jardim-horta nas fazendas antigas do país. A preservação e o levantamento de um estudo mais aprofundado são fundamentais para a constituição e resgate da história de nossa cultura uma vez que muitos fatos e decisões importantes foram tomados nessas notáveis propriedades rurais (DELPHIM, 2005).

3 METODOLOGIA

O presente estudo se centralizou no período compreendido entre os anos de 1725 a 2013, sendo que as pesquisas de campo foram realizadas nos anos de 2012 e 2013. Refere-se à evolução histórico-cultural e paisagística da Fazenda Traituba e elucida as transformações morfológicas do espaço ocupado pela sua sede e às representações sociais associadas.

Foi feita uma interface entre as teorias de Delphim (2005), Lassus (1994) e Luginbuhl (2006) para fundamentar teoricamente a pesquisa.

A análise subjetiva de Luginbuhl (2006) não apresenta uma avaliação quantitativa. Ela elucida valores estéticos, fenomenológicos ou simbólicos. Esse método se fundamenta na hipótese segundo a qual as paisagens e suas representações apresentam valores que são atribuídos por suas populações, artistas ou ainda por escritores que marcaram os atributos estéticos ou simbólicos em suas obras.

De acordo com Lassus (1994) com a análise inventiva é possível identificar e analisar as práticas e os processos de evolução física de um lugar quando é feita uma interpretação dos dados naturais, patrimoniais e sociais do mesmo. Essa análise, permiti discernir o que seria mais apropriado na relação específica entre o lugar e suas práticas sociais.

Delphim (2005), por sua vez, colabora com orientações técnicas sobre conservação e preservação de jardins históricos, incluindo o entorno de monumentos tombados, locais que também possuem restrições quanto às intervenções. O autor considera os aspectos singulares de cada jardim, fazendo com que cada um tenha uma evolução particular e soluções próprias.

A primeira fase de execução deste trabalho consistiu na pesquisa de campo para a identificação do significado histórico da Fazenda Traituba. Constatou-se que essa possui uma grande representação histórica da região de

Cruzília e Carrancas. A partir disso, iniciou-se a pesquisa da evolução histórico-cultural e paisagística da Fazenda Traituba. A pesquisa centralizou seu interesse nas transformações morfológicas do espaço ocupado pelas construções arquitetônicas encontradas em sua sede e em seus jardins, como também a representação social desses locais no inconsciente coletivo da população da fazenda e dos municípios que a compõem durante toda sua história.

Além disso, foi feita uma pesquisa com levantamentos documentais, pesquisas bibliográficas, arquivológicas, iconográficas, entrevistas, incluindo uma revisão literária da história das cidades.

Na pesquisa bibliográfica fez-se um levantamento dos registros escritos disponíveis, consultando livros sobre a história de Carrancas, Cruzília e de Minas Gerais, jornais com notícias da época e outros periódicos. Foi realizada também a pesquisa de arquivos na Biblioteca Municipal Castro Alves de Carrancas (TEIXEIRA, 2012) e também no Museu Regional do Mangalarga Marchador em Cruzília - MG (2012).

A pesquisa de campo contou ainda com entrevistas informais aos proprietários e ex-proprietários, parentes da família, pessoas que já viveram aos arredores das fazendas e, ainda, relatos de empregados que nasceram e foram criados na própria fazenda. Esses dados coletados nas entrevistas ajudam a compreender, principalmente, quais foram e/ou ainda são as representações paisagísticas do inconsciente coletivo e as apropriações sociais, histórica e paisagística dos espaços na fazenda (LASSUS, 1994).

Juntamente com o levantamento bibliográfico, é também de suma importância nesta metodologia o levantamento iconográfico, que muito auxilia na elucidação das transformações desses espaços: algumas vezes situando fatos registrados bibliograficamente e, outras, revelando acontecimentos registrados apenas por imagens. O acervo foi encontrado, em sua maioria com a ex-proprietária da fazenda, D. Alice Junqueira ou ainda guardados na sede da

fazenda. Também foram analisadas imagens produzidas pelos viajantes estrangeiros do século XIX, desenhos de projetos arquitetônicos e fotografias.

A segunda fase consistiu na realização de um levantamento do estado atual da fazenda, procurando identificar seus jardins e espaços representativos da fazenda.

A terceira e última fase consistiu em compilar esses dados e organizá-los no processo histórico da ocupação dessa área, evocando a evolução do uso desse sítio, bem como a apropriação do espaço.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A localização da Fazenda Traituba

A divisão que hoje é feita pelo IBGE é diferente das antigas classificações atribuídas a diferentes regiões pelas autoridades no século XVIII no estado de Minas Gerais.

Atualmente, as terras e a sede da fazenda Traituba (Figura 14) se localizam no município de Cruzília, no qual está inserido pela classificação atual do IBGE (2010) na microrregião de Andrelândia, a qual faz parte da mesorregião sul e sudoeste de Minas, porém nas primeiras décadas de formação e existência da Fazenda, alguns hectares estavam localizados na freguesia de Carrancas, atual município de Carrancas, o qual pertence à microrregião de Lavras que se insere na mesorregião Campo das Vertentes (IBGE, 2010).

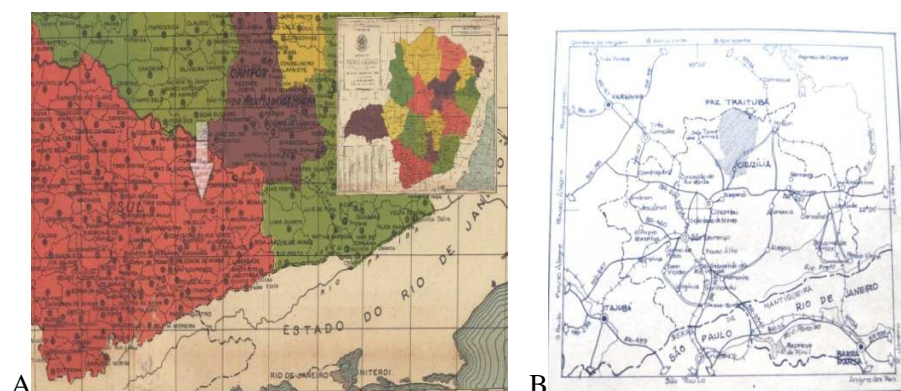


Figura 14 Localização da Fazenda Traituba no mapa de Minas Gerais organizado pelo estado em 1955 (A)

Mapa desenhado a mão demonstrando a localização da Fazenda Traituba (B)

Fonte: Mapa... (2013) e Niconiello e Carvalho (1985).

Essas subdivisões dos estados brasileiros em mesorregiões e microrregiões feitas pelo IBGE possuem fins estatísticos apenas, diferente da antiga divisão que separava as comarcas de acordo com características políticas/administrativas que possuíam semelhanças. A área em estudo está localizada onde anteriormente era denominada Comarca do Rio das Mortes, em 1809 como ilustra o mapa da figura 15.



Figura 15 Parte do Mapa da Comarca do Rio das Mortes de 1809 com a divisão das freguesias e termos
Fonte: Garcia (2013).

A comarca do Rio das Mortes correspondia aproximadamente às mesorregiões Campo das Vertentes, Oeste e Sul/Sudoeste, área que corresponde à mesma dimensão do território atual de Portugal (CRUZ, 2010).

A Fazenda Traituba (Figura 16) está localizada em uma região onde muitas outras fazendas são encontradas e datam do mesmo século ou ainda mais antigas



Figura 16 Fazenda Traituba
Fonte: Paiva (2013).

Muitas delas deixaram de existir, e atualmente, não são encontradas sequer ruínas das mesmas. A existência dessas fazendas pode ser comprovada por registros de mapas antigos, relatos de viajantes, documentos e relatos da própria população (CRUZ, 2010).

A existência de campos naturais, consequência da vegetação nativa constituiu uma transição da mata atlântica e do cerrado (IBGE, 2010), ajudou a criação de gado e cavalos prosperarem. As fazendas do município de Cruzília são consideradas o berço dos cavalos da raça Manga Larga além dos famosos queijos inicialmente produzidos nas mesmas (CRUZILIA, 2012a).

4.2 A origem da Fazenda Traituba

A fazenda Traituba sempre foi propriedade de descendentes portugueses da família Junqueira. Porém, há três anos, em 2009, a fazenda foi vendida pelos antigos proprietários a um grupo que hoje administra essa propriedade (GARCIA; SALGADO, 2013).

Várias são as vertentes que explicam a origem do nome Traituba. Para Amato (1996), o nome veio devido a uma grande serra que se localiza no entorno da sede e que era chamada de montanha bastante alta, em tupi-guarani, ita = pedra, tuba=grande - > fazenda da pedra grande (Figura 17). Segundo Niconiello e Carvalho (1985) o nome original teria sido Teretuba, onde *Tere* significa virado e *tuba* sítio, portanto, sítio virado ou retorcido. De Teretuba mudou para Treituba e finalmente Traituba. Já Garcia (2012), afirmou que Traituba teria vindo de uma língua indígena onde o significado de Traituba seria *Toca das Traíras*, pois logo embaixo a sede existiu um brejo infestado de traíras.



Figura 17 Sede da Fazenda Traituba com a Serra da Traituba ao fundo
Fonte: Garcia (2013).

A tradicional família Junqueira surgiu com João Francisco Junqueira, português natural da cidade de São Simão das Junqueiras. João Francisco Junqueira adotou o nome de sua cidade como sobrenome da sua família. Ele se instalou como fazendeiro na região da Comarca do Rio das Mortes quando recebeu, em 5 de abril de 1769, a sesmaria do Campo Alegre da Coroa Portuguesa na Freguesia de Carrancas.

De acordo com Mattos (2004), o Patriarca, antes de receber a sesmaria já havia se casado com Elena Maria do Espírito Santo em 1758 na cidade de São João Del Rei. Após cinco anos o casal se mudou para a Fazenda Campo Alegre antes mesmo da obtenção oficial da sesmaria. O casal teve 11 filhos: Maria Francisca da Encarnação; Capitão João Francisco Junqueira; Padre Francisco Antonio Junqueira (1763); José Francisco Junqueira (1764); Elena (1766); Helena (1768); Anna Francisca do Valle; Genoveva Francisca Junqueira (1771); Antônio Francisco Junqueira (1773); Mariana e o caçula, futuro Barão de Alfenas, Gabriel Francisco Junqueira (Figura 18B). Desses tantos filhos, as duas filhas, Elena e Helena, além de Antonio Francisco e Mariana morreram antes de atingir a maioridade. A filha Genoveva chegou a maioridade, porém não teve filhos, ao contrário mesmo tendo sido Padre, Francisco Antonio Junqueira teve 7 filhos sendo dois de mães desconhecidas. Todos os outros filhos do Patriarca casaram-se e tiveram vários filhos, iniciando assim a disseminação da família Junqueira nos territórios brasileiros (MATTOS, 2004).

João Francisco Junqueira, antes de sua morte o Patriarca da família Junqueira preocupou-se em casar todos e dispersar a família na região, iniciando assim uma família bem numerosa e tradicional (NICOLIELLO; CARVALHO, 1985).

O Patriarca João F. Junqueira viveu na Fazenda Campo Alegre toda sua vida, e após sua morte, a fazenda foi deixada ao seu filho Alferes José Francisco Junqueira. Essa sesmaria já era considerada um vasto latifúndio, onde o próprio arraial de São Tomé das Letras estava dentro (MATTOS, 2004). Foi também João Francisco Junqueira que iniciou construção da Matriz (Figura 18A) desse arraial que foi terminada pelo seu filho caçula Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas (Figura 18B). O Patriarca e a Matriarca foram enterrados nessa Matriz de São Thomé das Letras (MATTOS, 2004).

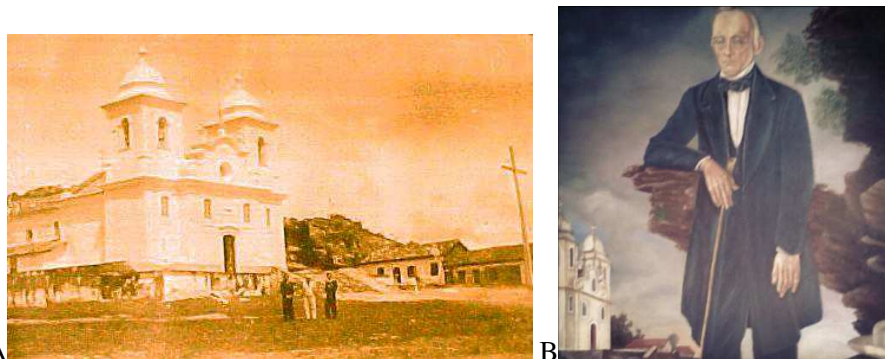


Figura 18 Matriz de São Thomé das letras (A); Gabriel Francisco Junqueira, o barão de Alfenas - Pintura a óleo (Réplica) (B)
Fonte: Garcia (2013) e Matriz... (2013).

A história da Fazenda Favacho é fundamental para se compreender o surgimento da Fazenda Traituba já que essa foi construída por descendentes de João Francisco Junqueira.

A sesmaria do Campo Alegre era vizinha da sesmaria do Favacho e o Patriarca João Francisco Junqueira mantinha relações de amizade e de negócios com o Capitão José Vieira de Almeida que era proprietário da sesmaria do Favacho.

A Fazenda Favacho era considerada uma das fazendas mais importantes da região, pois era ali um dos pontos de convergência dos antigos caminhos da Estrada Real. A fazenda aparece em diversos mapas antigos como ponto de referência (CRUZ, 2010).

A história inicia com Antonio Rodrigues da Fonseca, era morador do chamado Caminho Velho e recebeu, em 28 de abril de 1725, uma sesmaria na paragem de Ingahy com 4 léguas quadradas (26km²) de extensão. Esse vendeu suas terras ao Capitão José Francisco Nunes que perdeu o título dessas terras por motivos desconhecidos, provavelmente por não ter conseguido cultivar e desenvolver as terras da sesmaria, porém essas são suposições uma vez que em 1755, Lisboa sofreu um devastador terremoto e muitos documentos foram

perdidos (MATTOS, 2004). Posteriormente, ao Capitão José Francisco Nunes, em 1754, José Vieira de Almeida recebeu o título da sesmaria do Favacho e Angahy, porém em suas primeiras cartas enviadas para a Coroa, José Vieira de Almeida e sua esposa Ana Maria de Oliveira pediram concessão de apenas 1 légua e meia, e não do total de 4 léguas quadradas. O casal alegou não ser capaz de cultivar e tomar devida posse de tantas terras, porém a Coroa ainda assim envia o documento onde recebem 2 léguas e meia. O restante, 1 légua e meia, provavelmente se transformou na Fazenda Angahy de propriedade de João de Souza Meirelles e Marianna Antonia de Jesus, os Patriarcas da Família Souza Meirelles (MATTOS, 2004).

De acordo com Mattos (2004), José Vieira de Almeida morou nas terras da Favacho por aproximadamente 30 anos cultivando e desenvolvendo a agricultura nessas regiões e foi ele quem construiu a linda sede e a Capela de São José do Favacho existentes até hoje. Essa capela foi benta juntamente com seu cemitério no dia primeiro de janeiro de 1761. A capela recebeu uma restauração recentemente no ano de 2002.

José Vieira de Almeida foi enterrado em 6 de março de 1782 na Capela de São José do Favacho e então suas terras foram divididas entre seus irmãos e sua esposa já que não possuíam filhos. Apesar de a sesmaria do Campo Alegre já ser considerada uma área muito extensa, João Francisco Junqueira aumentou seus domínios após adquirir a Sesmaria do Favacho em 1810, supostamente da viúva Ana Maria de Oliveira (MATTOS, 2004).

Esse vasto latifúndio era subdividido em pedaços de terras menores onde eram construídas outras sedes ou pequenos ranchos, servindo apenas de apoio ou então eram construídas casas para receber a família de um futuro descendente. Segundo Mattos (2004), as Fazendas Bela Cruz, Santo Inácio, Traituba, Jardim, Narciso, Caxambu, Cafundó, Campo Belo e Campo Lindo eram terras inseridas nas sesmarias da Campo Alegre e da Favacho (Figura 19).



Figura 19 Sede principal da Fazenda do Favacho
Fonte: Nicolliello e Carvalho (1985).

Atualmente algumas dessas fazendas ainda existem mantendo o mesmo nome e ainda conservam suas casas originais. A fazenda Narciso (Figura 20), por exemplo, foi resultado da subdivisão da Fazenda Campo Alegre após o testamento deixado pelo Barão de Alfenas, Gabriel Francisco Junqueira, deixando a Fazenda Narciso para seus dois filhos, Antônio Gabriel Junqueira e Joaquim Tibúrcio Junqueira (HARAS NARCISO, 2013)



Figura 20 Sede do Haras Narciso
Fonte: Junqueira (2013).

Porém, com o passar do tempo, muitas dessas imensas propriedades foram subdivididas entre heranças familiares. Algumas dessas famílias conseguiram conservar e manter a originalidade dessas sedes históricas, por outro lado muitas sedes também foram demolidas ou ruíram com o tempo por falta de manutenção adequada. Nos arredores da cidade de Cruzília são encontradas dezenas de fazendas formadas mais recentemente as quais são resultado das inúmeras subdivisões da sesmaria Campo Alegre e Favacho.

No ano de 1825 foi efetuado o primeiro recenseamento do Favacho (Figura 21), e a população atingia o número de 1200 pessoas sendo maior do que a população do seu próprio município, Cruzília – MG (MATTOS, 2004).



Figura 21 Sede da Fazenda Favacho
Fonte: Garcia (2013).

4.3 O registro de Saint - Hilaire

O primeiro registro encontrado sobre a existência do Rancho da Traituba foi um documento do viajante francês Saint-Hilaire que passou pelas terras da propriedade em sua segunda viagem a Minas Gerais. A fazenda sempre esteve inserida em uma das rotas de ligação da província de São Paulo com as cidades mineiras, com isso o viajante seguindo pelas estradas, passou pelo rancho da Traituba. A Fazenda Traituba em suas histórias sempre foi conhecida por receber viajantes e tropeiros, possuindo até mesmo uma casa específica para esses (GARCIA; SALGADO, 2013). Essa fama provavelmente foi apenas uma continuidade de sua história iniciada por Maria Francisca da Encarnação Junqueira e seu marido Gabriel de Souza Diniz.

Maria Francisca da Encarnação Junqueira, filha mais velha de João Francisco Junqueira, casou-se com Gabriel de Souza Diniz no ano de 1780 (MATTOS, 2004). O casal ficou conhecido como “o casal da Traituba”, pelo

fato de, após o casamento, terem passado a residir na antiga sede do Rancho da Traituba.

É possível obter outras informações importantes sobre o dia a dia da fazenda naquela época por meio do breve registro do viajante:

Rancho de Traituba. 2 de março (1822), 4 léguas. Como atrás disse fecham-se todas as noites os bezerros num curral e as vacas aproximam-se sozinhas da fazenda. Desde a madrugada fazem-nas entrar no terreiro onde são ordenhadas por negros e negras. Despejam então o leite em pequenos barris cintados de aros de ferro e transvasam-no por meio de cuia, cortadas longitudinalmente, pela metade. O gado dos arredores do Rio Grande tem justificada fama, graças ao tamanho e força. Alimentadas em ótimos pastos, as vacas dão leite quase tão rico em nata quanto o das nossas montanhas. Com ele se faz grande quantidade de queijos exportados para o Rio de Janeiro (SAINT – HILAIRE, 1822).

Nota-se que a principal atividade agrícola dessa época na fazenda era a criação de gado de leite. O leite era ordenhado por negros e negras, possivelmente escravos pertencentes ao casal e que os ajudavam no funcionamento da propriedade. Saint-Hilaire (1822) chama a atenção para a boa fama do bom gado que era criado na região do Rio Grande. Ele acredita que os bons pastos da região eram os responsáveis pela qualidade dos animais. Portanto, também se pode imaginar que o clima mais ameno também foi benéfico, pois o frio exige maior consumo de energia dos animais, e maior consumo resulta em animais mais bem nutridos e saudáveis. Além disso, sabe-se que no frio os animais ficam mais calmos e quietos acumulando assim mais gordura na carne e no leite produzido.

A paisagem pastoral, a qual a fazenda e todas outras fazendas da região no entorno estavam inseridas provavelmente chamou a atenção Saint-Hilaire,

pois desde a Arcadia grega, a cultura europeia considerava bela essa paisagem, composta por animais em grandes pastos (LUGINBHUL, 1989).

Assim, o viajante ressalta a qualidade do leite produzido. Compara o leite da Fazenda Traituba com aquele produzido nas montanhas francesas, os quais desenvolveram essa atividade e hoje são famosos pelos bons queijos finos produzidos no país. Com a grande quantidade de nata retirada do leite, produziam-se manteiga e do leite queijos que, desde o início, eram enviados ao Rio de Janeiro através de tropeiros, abastecendo assim a capital do país. Acredita-se ainda que desde essa época boa manteiga também era produzida, pois futuramente na fazenda se instala uma fábrica do produto (GARCIA; SALGADO, 2013).

Esse registro tem grande importância na pesquisa, pois ajuda a elucidar o início da história das atividades agrícolas e também o dia a dia da Fazenda Traituba. No ano em que Saint-Hilaire passou pela fazenda, o casal já tinha filhos adultos e, um desses, o Coronel João Pedro Diniz Junqueira, havia se casado com Helena Constança Junqueira (em 1816) (MATTOS, 2004).

Anos depois da passagem do viajante francês pela antiga casa da Traituba, o coronel João Pedro construiu a nova sede da Fazenda Traituba entre os anos de 1827 a 1831 (CRUZ, 2010).

Em 1819, faleceu o patriarca João Francisco Junqueira com 91 anos e foi sepultado na "Ermida de Sham Tomé das Letras", não chegando a ver a Casa Grande (Figura 22) construída pelo seu neto (MATTOS, 2004).



Figura 22 Casa Grande no século XIX - Pintura a óleo, Nilza Meirelles na década de 1960

Fonte: Garcia (2012).

A paisagem pastoral, termo esse utilizado por Luginbhul (1989), da Fazenda Traituba, antes da construção da Casa Grande, era formada por um rancho inserido em grandes pastos divididos por vales, riachos e serras. Essa paisagem sofreu uma grande intervenção quando a Casa Grande foi construída. O que antes remetia às tranquilas paisagens pastorais se transformou, além de tudo, em um local muito movimentado em consequência da imensa obra arquitetônica inserida nesse sítio, associado ao grande comércio que ali se estabeleceu e desenvolveu com o passar dos anos. A sede construída, sem dúvida, causou grandes mudanças no conceito de paisagem formado pelos seus habitantes e a todos aqueles que em algum momento passou por aquelas terras, mesmo que inconscientemente.

4.4 A construção da Casa Grande e suas características

Naquela época, o imperador D. Pedro I mantinha relação de amizade com a família de João Pedro Diniz Junqueira, alguns relatos, principalmente de

pessoas da família Junqueira afirmam que D. Pedro I veio à fazenda algumas vezes, pois naquele local ele praticava um de seus principais *hobbies*, as caçadas. Essa era uma prática tradicional na família Junqueira e, além disso, o Imperador aproveitava para se hospedar na Fazenda Traituba para fugir do agito da corte no Rio de Janeiro (GARCIA; SALGADO, 2013). Porém outros autores como Lopes (2012), afirmam que no antigo Rancho da Traituba, apenas vieram alguns membros da corte de D. Pedro I e não o próprio Imperador. A ilustre presença de D. Pedro I na fazenda é uma dúvida, porém o que aconteceu foi que, em certo momento, o coronel João Pedro Diniz Junqueira (Figura 23) decidiu construir uma casa digna de receber o imperador e toda sua comitiva.

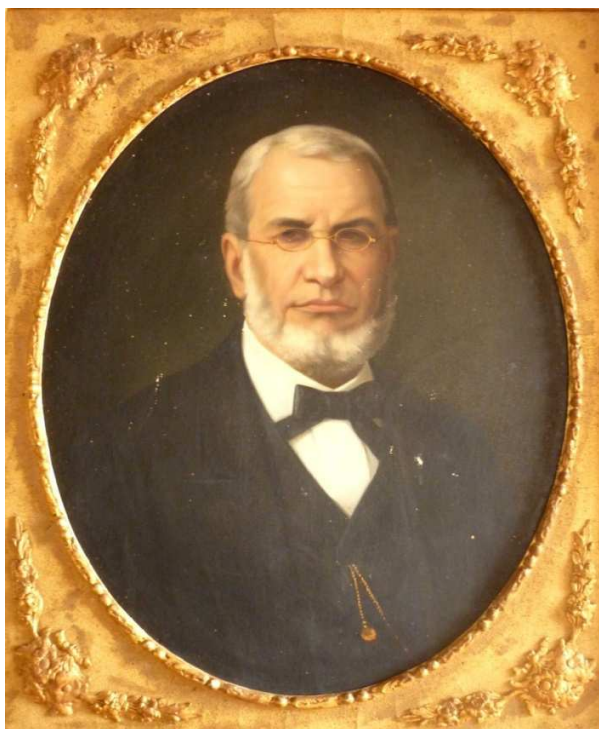


Figura 23 Coronel João Pedro Diniz Junqueira – pintura a óleo
Fonte: Garcia (2012).

João Pedro construiu então uma imensa obra arquitetônica. A casa foi considerada uma das maiores da região na época, maior até que a fazenda Favacho, primeira fazenda onde tinham morado alguns familiares seus e que já era considerada grandiosa. A Casa Grande da Traituba era maior, porém menos rica em detalhes comparada com a casa da Fazenda Favacho, onde os acabamentos eram mais bem trabalhados (GARCIA; JUNQUEIRA, 2013; MATTOS, 2004). Essa preocupação com os detalhes da fazenda Favacho pode não ser sinal de maior riqueza e sim de mais preocupação, pois o primeiro proprietário, capitão José Vieira de Almeida, era um homem considerado de bom gosto e fino trato que gostava de demonstrar seu poder e sua riqueza a todos (MATTOS, 2004).

Na construção da Casa Grande da Fazenda Traituba o orçamento total ultrapassou todos os custos previstos. Foram gastos além do trabalho de centenas de escravos da própria fazenda, quarenta contos, porém o resultado, sem dúvida compensou todo o trabalho e custo da construção (NICONIELLO; CARVALHO, 1985). A casa foi e ainda é considerada uma obra monumental de bom gosto, originalmente a casa tinha dois pavimentos e, no alto um mirante (Figura 24), esse foi construído na tentativa de aumentar a visibilidade dos proprietários para se ter o maior controle do movimento que acontecia na fazenda, pois sua sede se localiza em um ponto mais baixo do relevo. Sua característica senhorial expressava fidalguia e poder, marcas representativas que a família Junqueira sempre apresentou em sua história (GARCIA; SALGADO, 2013).



Figura 24 Perspectiva da Casa Grande, representação da primeira construção
Fonte: Niconiello e Carvalho (1985).

Ainda hoje é possível observar o quarto que foi construído para receber o imperador D. Pedro I e nele foi conservada a cama especialmente encomendada (Figura 25).



Figura 25 Fotografia do quarto de Dom Pedro I e sua cama
Fonte: Paiva (2012).

Os pesquisadores NicolIELLO e Carvalho (1985) comprovam em seus estudos arquitetônicos sobre sede da fazenda Traituba que, a casa inicialmente possuía dois pavimentos (Figura 26A e B) e ainda outro mais alto que remetia a ideia de mirante de onde os proprietários ou mesmo alguém com específica função, podiam avistar grande parte da fazenda tendo assim um controle dos acontecimentos durante o dia e a noite, além de vislumbrar a paisagem do local.

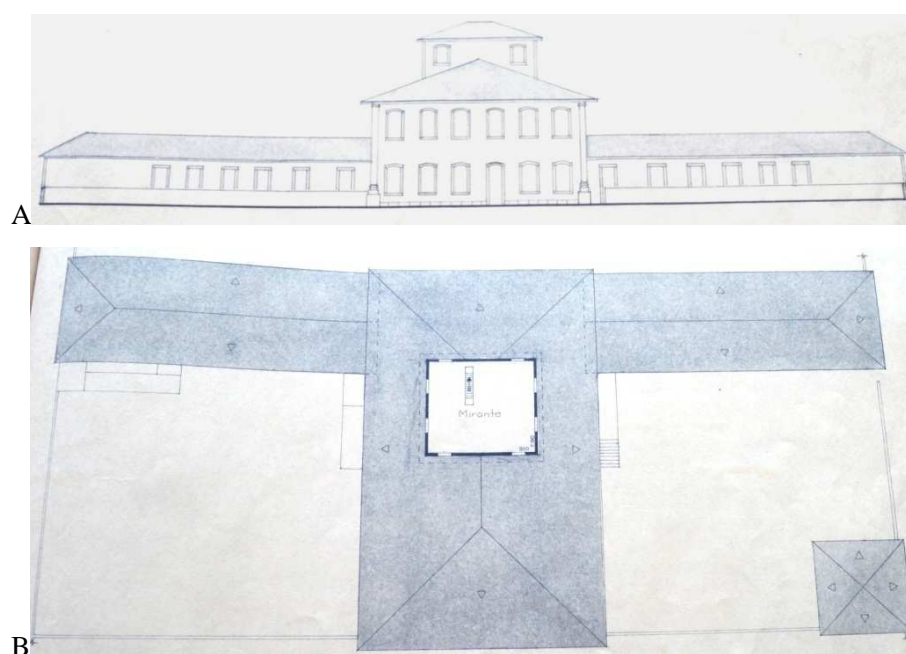


Figura 26 Elevação principal original 1827 (A); Planta baixa do mirante no terceiro andar (B)

Fonte: NicolIELLO e Carvalho (1985).

Na figura 27, uma planta baixa da Casa Grande, é possível observar uma pequena construção localizada ainda dentro de um dos pátios laterais com a porta de acesso voltada para o terreiro de comércio. Essa pequena casa segundo Junqueira (2013), era a casa dos viajantes, pois como a fazenda se localiza no meio de uma estrada desde sempre muito movimentada, os que por ali passavam

pediam pouso e eram hospedados nessa construção composta por uma sala, dois quartos e uma cozinha. Com essa construção externa os proprietários conseguiam manter a privacidade dos proprietários dentro da Casa Grande.

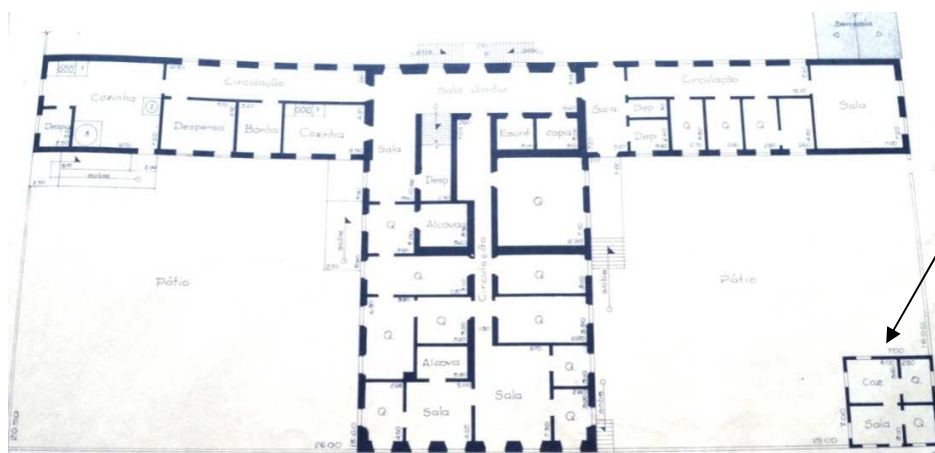


Figura 27 Planta baixa da distribuição dos cômodos da casa original
Fonte: Niconiello e Carvalho (1985).

Durante o período da Revolução Liberal de 1842 o casal hospedou partidários liberais e também os conservadores impondo, porém, a condição que assuntos relacionados à política não seriam abordados e discutidos por eles. D. Elena Diniz Junqueira tinha como hóspedes os conservadores, uma vez que, seu irmão Manuel Ananias, era o chefe do partido conservador e, já o Coronel João Pedro Diniz Junqueira, por outro lado recebia os liberais. Não se tem relato de que esse acordo tenha sido cumprido verdadeiramente (NICONIELLO; CARVALHO, 1985).

O coronel João Pedro Diniz Junqueira e sua esposa morreram por volta de 1855 como comprova um documento de inventário de posses datado desse mesmo ano do dia 7 de fevereiro. Nessa época o patrimônio de João Pedro e

Elena Junqueira contava com 160 escravos, outras fazendas e terras como a Fazenda Angahy, muitos animais como 49 éguas, 3 jumentos, 9 jumentas, 9 cavalos, 25 burros, 48 porcos, 116 vacas/novilhas, 37 bois de carro, 4 touros reprodutores, 139 carneiros, 1 carretão e 8 carros bodenásios. Além de todas as benfeitorias e mobílias da Casa Grande, esse patrimônio totalizava duzentos e quarenta e quatro contos quatrocentos e vinte e nove/ mil réis (244.429\$000), uma quantia muito alta para época (NICONIELLO; CARVALHO, 1985). Quem possuía de 8 a 10 escravos era considerado rico, com isso é notório que o Coronel João Pedro Diniz Junqueira era considerado um homem milionário e de muita representatividade para a época. Para comparar, no ano de 1860 com o valor de um escravo saudável de 15 a 40 anos era possível comprar 300 hectares de terra (MATTOS, 2004).

4.4.1 O entorno da Casa Grande e suas peculiaridades no século XIX

É possível perceber que João Pedro Diniz Junqueira imaginou sua obra não apenas como uma casa grande e confortável, mas que remetesse mais a uma grande fortaleza, cercada de muros e ainda guarnecida de um mirante. Coisa não muito comum na época (GARCIA; SALGADO, 2013).

A Fazenda Traituba, desde a época de João Pedro Diniz Junqueira, sempre teve fama de ser um local onde o comércio era ativo e movimentado, consequência do dom natural de seus proprietários em negócios, principalmente compra e venda de animais, como gado de leite, porcos, carneiros e cavalos. Nessa fazenda, também era realizado o comércio de outros produtos, pois, como sua produção muitas vezes era vendida na Corte pelos seus escravos tropeiros, de lá esses traziam diferentes produtos que não se produzia na região e o que não era consumido pelas pessoas da fazenda, era vendido aos tropeiros que passavam

na região e as outras fazendas. Além disso, se tem relato que os primeiros proprietários eram grandes negociadores de escravos (GARCIA; PAIVA, 2012).

À frente da casa apresentava um grande pasto cercado por muros, onde o comércio da fazenda funcionava (Figura 28).



Figura 28 Terreiro em frente à entrada da casa, local de comércio no século XIX
Fonte: Junqueira (2013).

E nesse muro foram construídos três imponentes portões que dão acesso à área. O motivo da construção de três grandes portões não se sabe ao certo, porém é possível supor que o maior deles era o portão principal de acesso (figura 29).



Figura 29 Terreiro do antigo comércio e Portão Principal de acesso
Fonte: Paiva (2012).

Uma estrada antiga passava na localização do portão principal e, logo que se entra por esse, à direita, havia um portão menor que abria passagem para a continuação da estrada (Figura 30).



Figura 30 Portão lateral direito ao antigo terreiro de comércio
Fonte: Paiva (2013).

O outro portão, do lado esquerdo, em relação ao acesso principal provavelmente sempre funcionou como acesso aos currais e animais da fazenda. Ao imaginar um fluxo contínuo naquele local de comércio de animais e escravos a existência dos três portões tem grande e claro sentido. Esses portões foram muito bem trabalhados, ornamentados com pináculos no portão central e esferas armilares nos laterais, todos esculpidos em pedra sabão (CRUZ, 2010; LOPES 2012). Essa preocupação em ornamentar os portões de entrada poderia ter sido em razão da visita do imperador, onde João Pedro gostaria que seu amigo tivesse uma boa impressão ao chegar a Fazenda Traituba, e o imaginou passando entre eles em um de seus belos garanhões andaluzes.

A ilustre visita do Imperador D. Pedro I não se concretizou após a nova construção, pois em 1831 foi obrigado a abdicar de seu trono e voltar para Portugal. Conta-se que os grandiosos portões (Figura 31) com ornamentos em pedra sabão ainda conservados, foram mantidos por muito tempo trancados

demonstrando assim a decepção e a tristeza da família e dos habitantes da fazenda em memória de D. Pedro (GARCIA; SALGADO, 2013).



Figura 31 Representação da vista da Casa Grande antes das reformas
Fonte: Niconiello e Carvalho (1985).

A Fazenda Traituba mesmo sem ter recebido o imperador, passa a ter maior representatividade na região a partir da construção da Casa Grande, muitos fatos e lendas são contados até hoje pelos antigos.

Ao se analisar a área que circunda a casa é possível perceber várias outras construções necessárias ao bom funcionamento da fazenda. Em sua origem a área possuía um curral grande, localizado do lado de fora do terreiro de comércio. De frente para a casa, ao seu lado direito, um pátio funcionava como circulação de pessoas que entravam e passavam pela venda, a qual se localizava embaixo da casa no mesmo nível de dois depósitos. Nesse mesmo pátio, atualmente, encontram-se duas enormes jabuticabeiras (*Myrciaria cauliflora*), sem dúvida, plantadas nessa mesma época da construção da casa (Figura 32).



Figura 32 Pátio lateral esquerdo (*curral dos veados; jardim velho*)
Fonte: Garcia (2012).

Nesse pátio, não se sabe ao certo em que época, existiu também um pequeno jardim, pois em alguns relatos, os descendentes de João Pedro Diniz Junqueira o denominam como sendo o “Jardim Velho”. Em consequência da inexistência de registros iconográficos esse jardim de fato não pode ser detalhado. Atualmente, no pátio são encontradas apenas essas duas árvores de jabuticabeiras, uma camélia branca (*Camellia japônica*) e algumas espécies de agave dragão (*Agave attenuata*), não existe nenhum tipo de forração espalhada pelo local, deixando assim o solo exposto e com aparência de terra batida. Pela presença das jabuticabeiras (Figura 32), também é possível supor que esse mesmo local poderia ser um pomar particular da família, pois, o outro pomar grande e velho da fazenda, sempre ocupou o mesmo espaço, onde várias jabuticabeiras e mangueiras seculares são encontradas atualmente. Esse se

localiza do lado de fora dos muros principais da sede, fazendo divisa com um curral, um pasto de baixo, vala do outro e um córrego mais abaixo no terreno como se pode observar pela figura 33. Ao lado desse pomar, logo abaixo do muro que limitava o terreiro de baixo, era plantada e cultivada uma grande horta, chamada pela família como horta velha. Provavelmente esses eram de uso um pouco mais público, no sentido em que os colonos tinham mais liberdade de apanhar frutas e verduras para o próprio consumo.



Figura 33 Pomar antigo
Fonte: Paiva (2012).

Do outro lado da casa situa-se outro pátio e esse possivelmente abrigou as galinhas desde o princípio e, ainda, segundo relatos familiares era local onde os porcos ficavam soltos durante o dia e que eram engordados com os restos de comidas da casa jogados da cozinha no pátio. À noite eram presos no “Mangueiro”, um local fechado de baixo da casa. Desse mesmo lado, uma

passagem que ligava o terreiro de baixo ao pátio dividia o mangueiro de porcos de um lado e uma fábrica de farinha do outro (Figura 37). Nesse espaço, pelos usos que apresentavam nunca puderam abrigar jardins.

Essas estruturas encontradas nas áreas externas da casa remetem aos jardins medievais, que tinham um caráter utilitário, constituídos por hortas e pomares, em detrimento de canteiros floríferos (PAIVA, 2008).

Quando se observa a construção do entorno numa visão global, é possível perceber que os pastos eram divididos por muros com a base de sustentação de grandes pedras, sendo essa responsável pelo contato com o terreno, deixando o restante livre de umidade. Logo acima dessa base, foram construídos muros de adobe, tijolos feitos de barro na época. Esses muros ainda são mantidos na fazenda (Figura 34).



Figura 34 Muros feitos de pedra e adobe – Fazenda Traituba
Fonte: Garcia (2012).

Em um documento relata-se que João Pedro Diniz Junqueira tinha no ano de 1831, 80 escravos em sua propriedade e esse número dobrou em poucos anos, pois, em 1838 possuía 163 escravos. Esse número revela tamanha a

riqueza e importância da fazenda na região sul-mineira na época, já que em estudos, a média geral de grandes unidades escravistas era de 30 escravos (ANDRADE, 1999).

Com essa grande quantidade de cativos, houve a necessidade da construção de uma senzala que os abrigassem. Essas construções geralmente eram bem precárias, uma espécie de alojamento coletivo que os senhores e fazendeiros utilizavam como forma de abrigo para seus escravos.

Na Fazenda Traituba, apesar de ter sido construída no período próximo ao final da escravidão no Brasil, existiu também uma grande senzala, porém de acordo com relatos familiares, essa não era precária como de regra, possuía muitas divisórias, onde os escravos que formavam famílias tinham o benefício de morar separados dos grandes aglomerados. Suposições ainda são relatadas que a senzala não era apenas uma construção em forma de retângulo em uma das laterais do terreiro de baixo como demonstrado no desenho (Figura 35) de Niconiello e Carvalho (1985), mas que essa tinha formato de L e delimitava o terreiro lateralmente e também nos fundos.

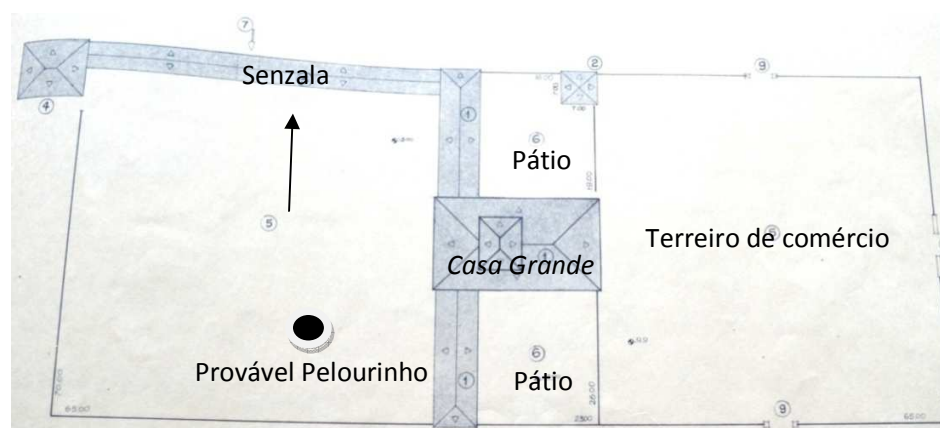


Figura 35 Localização da senzala no terreiro de baixo da Casa Grande
Fonte: Garcia (2013) Original de Niconiello e Carvalho (1985).

A construção da senzala foi realizada juntamente com a nova sede e como se pode perceber na figura 36 a senzala era localizada no terreiro de trás da casa, um nível abaixo das principais salas e quartos de onde os proprietários conseguiam ter o controle de seus cativos.



Figura 36 Terreiro atualmente. Antigas Senzalas à direita
Fonte: Garcia (2012).

De acordo com alguns empregados antigos (GARCIA; PAIVA, 2012), existiu sim um pelourinho onde hoje se tem um quiosque, (figura 35 e 36). Porém, em depoimento de Alice Aguiar Junqueira outra versão é contada afirmando nunca ter existido pelourinho na Fazenda Traituba, e que o quiosque foi construído por ela própria em 1993, na época em que a fazenda se transformou em hotel-fazenda, sendo que em seu lugar nada existia (JUNQUEIRA, 2013). D. Alice relata ainda que a fazenda nunca teve fama de maus-tratos aos seus escravos e empregados, e pelo contrário, afirma que muitos são os testemunhos de um relacionamento consideravelmente bom entre patrão e empregado, ou senhor e escravo. Diz que o pior castigo aderido aos escravos era sua prisão temporária em uma prisãozinha que existiu na fazenda, a qual existia

apenas uma pequenina janela. Esse local ainda existe e está localizado embaixo da Casa Grande no mesmo nível onde existiu uma venda e dois depósitos (Figura 37).

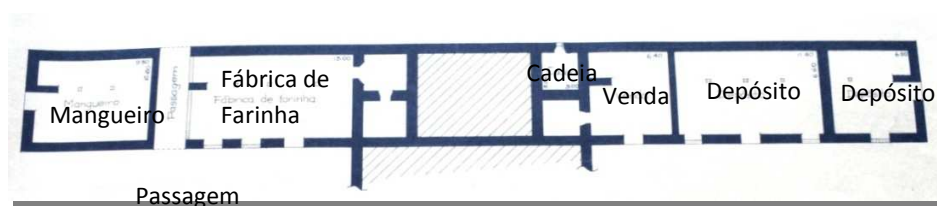


Figura 37 Representação dos cômodos existentes embaixo da Casa Grande
Fonte: Garcia (2013) Original de Niconiello e Carvalho (1985)

Relata que apenas aumentou a pequena janela e a transformou em porta quando foi feita a reforma de 1953. É possível observar a porta desse local na figura 38.



Figura 38 Localização da prisãozinha (A) e do quiosque, provável pelourinho antigo (B)
Fonte: Garcia (2012).

Pelos relatos e entrevistas, se pode perceber que a fazenda era um lugar muito movimentado e com grandes tradições. O número imenso de escravos mostra o quanto as atividades agropastoris eram intensas na época.

4.5 A revolta dos escravos nas fazendas da Família Junqueira

Nessa mesma década que a Casa Grande foi construída por João Pedro Diniz Junqueira, um importante fato ocorreu nas fazendas dos descendentes do patriarca João Francisco Junqueira, que já havia morrido há alguns anos e distribuído seus bens entre seus descendentes (ANDRADE, 1999).

Os filhos do patriarca tinham fazendas, portanto, muito bem equipadas, com grande número de cabeças de gado, cavalos e porcos e vendiam grande parte de sua produção na Corte. Na política, um de seus filhos, Gabriel Francisco Junqueira tornou-se deputado geral da província de Minas ao longo da década de 30 até ser nomeado Barão de Alfenas (ANDRADE, 1999).

Com o crescimento constante das riquezas dos Junqueiras o trabalho a cada dia aumentava e o número de escravos também. Alguns deles faziam atividade de tropeiro e estabeleciam contato frequente com a corte ficando sabendo de acontecimentos pelo país (ANDRADE, 1999).

No dia 13 de maio de 1833 um fato trágico ocorreu nas fazendas Campo Alegre, Bela Cruz e Bom Jardim. Todas essas vizinhas da Traituba que só não foi palco desse terrível acontecimento devido às rápidas atitudes represálias de todos os que comandavam o país e a região na época. Um marco das insurreições escravas na província de Minas Gerais e um massacre que muitos gostariam de apagar da história (ANDRADE, 1999).

Gabriel Francisco Junqueira foi eleito deputado no ano de 1831, dois anos antes da revolta dos escravos, esse mesmo era proprietário da Fazenda Campo Alegre. A propriedade contava com 103 escravos. Considerada uma

grande unidade escravista que se desenvolveu em virtude das conexões mercantis com a Corte. A produção agrícola era bastante diversificada destacando-se vários alqueires de feijão, milho e arroz. Também havia canaviais e produção de fumo. A produção agropastoril estava entre as atividades que fizeram fortunas dos grandes fazendeiros da região (ANDRADE, 1999).

A fazenda Campo Alegre estava sob a responsabilidade de Gabriel Francisco de Andrade Junqueira, filho do deputado (futuro Barão) Gabriel F. Junqueira, pois este se encontrava na corte cuidando de suas funções no parlamento nacional no dia 13 de maio de 1833. Antes do meio dia Gabriel filho foi até a roça fiscalizar o trabalho de seus escravos. Saiu em um cavalo em direção à roça. Chegando lá Gabriel não percebeu nada de diferente e como sempre encontrou os escravos preparando a terra, cuidando das lavouras. Em certo momento, ainda montado em seu cavalo, Gabriel foi surpreendido por Ventura Mina que o retirou do cavalo à força com a ajuda de Julião e Domingos matando-o em sequência com várias porretadas na cabeça (ANDRADE, 1999).

Depois disso, liderados por Ventura Mina o grupo de escravos rebeldes ficou ainda maior e esses seguiram em direção à sede da fazenda Campo Alegre. Porém, quando chegaram lá dois capitães do mato já estavam de guarda, pois foram avisados por Francisco um escravo que presenciou o acontecido na roça e correu na frente dos outros para avisar a família. Os escravos, então com medo dos capitães seguiram em direção à Fazenda Bela Cruz (ANDRADE, 1999).

Depois de deixarem a Campo Alegre o grupo liderado por Ventura Mina foi, primeiramente às roças da Bela Cruz para convocar mais escravos a se juntar a eles. Muitos aderiram à revolta e o grupo naquele momento ultrapassou o número de 30 cativos que logo se dirigiram a sede da dita fazenda. Os escravos invadiram a casa da Fazenda Bela Cruz e foram direto contra José Francisco Junqueira e Antonia Maria de Jesus sua mulher, que se trancaram no quarto, mas isso não foi suficiente, pois o grupo com a ajuda de um escravo, Antonio

Retireiro, arrombaram a porta. Antonio Retireiro ainda buscou uma pistola carregada e disparou contra seu senhor, sua mulher, sua filha e neta com idade de 2 meses. Outro grupo matou Ana Cândida da Cosa viúva de Francisco José Junqueira e mais duas crianças, um menino, José, de 5 anos e uma garotinha, Antônia de 4 anos. Os escravos utilizaram instrumentos de trabalho como paus, foices e machados e até mesmo arma de fogo (ANDRADE, 1999).

A crueldade foi tamanha que causou pânico no que ficaram sabendo. Alguns ainda permaneceram aos arredores da Bela Cruz, prepararam uma emboscada e mataram Manoel José da Costa. Por relatos também se sabe que duas pessoas negras foram mortas na Bela Cruz, provavelmente eram escravos domésticos ou forros, sendo esses mais próximos de seus senhores (ANDRADE, 1999).

Liderados pelo escravo Ventura, outro grupo seguiu em direção à Fazenda Bom Jardim. No meio do caminho encontraram um agregado da mesma que estava indo para a Bela Cruz em busca de mantimentos. Esse também foi morto. Ao chegarem à Fazenda Bom Jardim encontraram forte resistência por parte do proprietário e seus escravos sendo Venturo, o líder, ferido gravemente, pois João Candido da Costa já havia se informado dos acontecimentos e rapidamente armou seus escravos e os reuniu em uma sala à espera dos escravos insurgentes. Os outros do grupo se dispersaram e fugiram para o mato (ANDRADE, 1999).

O medo causou pânico no resto dos que viviam na região. A notícia se espalhou e as autoridades tomaram algumas providencias, pois, souberam que os insurgentes estavam planejando atacar ainda a Fazenda Favacho e Traituba e depois se dirigir a Baependi e outros lugares. No centro de cada vila se colocaria uma força de quarenta soldados com cavalaria e infantaria, todos munidos de armas de fogo. Os fazendeiros deveriam guardar as ferramentas agrícolas com

segurança, como foices, machados e enxadas que poderiam ser usadas como armas pelos escravos rebeldes (ANDRADE, 1999).

No final dessa revolta, 16 dos escravos foram enforcados e executados em praça pública na vila de São João Del Rei na antiga Rua da Forca. Trata-se de uma das maiores condenações coletivas à pena de morte aplicada a escravos na história do Brasil Império. Segundo relatos a intenção dos escravos era de assassinar todos os brancos da freguesia de Carrancas e apossar de suas propriedades. Para isso, primeiramente, seriam invadidas as fazendas Campo Alegre, Bela Cruz, Jardim, Campo Belo, Campo Formoso e Carneiros. Depois de executados os assassinatos nas ditas propriedades, esses voltariam reunidos e fariam o mesmo nas fazendas Santo Inácio, Favacho, Traituba e Penas. A partir daí os escravos se dividiriam e seguiriam para o Espírito Santo a extinguirem a família dos Andrades e outra para Carrancas a extinguirem as famílias dos Machado e mais fazendeiros desses lados (ANDRADE, 1999).

O nível de articulação dos cabeças da rebelião de escravos de diversas fazendas foi surpreendente e se a rebelião não fosse imediatamente contida, os temores da elite poderiam ter sido confirmados. A Família Junqueira, por ter grandes negócios e poder, tinham inimigos políticos, lembrando que Gabriel Francisco Junqueira tinha derrotado o candidato do Imperador Ministro Silva Maia. A menor alusão à expectativa de liberdade já constituía motivo suficiente para que os escravos ensaiassem suas tentativas de revoltas para serem forros, sendo essas ideias e estímulos, possivelmente, implantados na mente de alguns escravos por inimigos da família Junqueira ou ainda com interesses políticos diversos (ANDRADE, 1999).

Essa história trata-se da maior rebelião escrava da província de Minas Gerais e que no contexto das rebeliões regenciais causou grande temor no seio da elite do sudeste escravista do Império do Brasil (ANDRADE, 1999).

4.6 Primeira reforma da Casa Grande

De acordo com Junqueira (2012) o Coronel João Pedro Diniz Junqueira, dividiu as terras da Fazenda Traituba entre seus filhos, onde essas futuramente ao serem subdivididas formariam novas fazendas com novas casas existentes até hoje.

Porém, foi José Franklin Junqueira que recebeu de seu pai a parte da fazenda onde estava sediada a bela Casa Grande. José Franklin Junqueira era médico no Rio de Janeiro e, talvez por isso, seu pai acreditou que ele seria o mais capaz e afortunado para conservar as tradições da imensa obra que tinha realizado. Por relatos familiares, é afirmado que, enquanto José Franklin Junqueira foi o proprietário da Fazenda Traituba, a *Casa Grande* ficou fechada e sem uso.

Anos mais tarde, portanto, o Major José Frausino Fortes (Figura 39) se casou com a neta de João Pedro Diniz Junqueira, Inácia Gabriela A. Junqueira. Esses eram primos distantes, pois Major José Frausino era neto de João Francisco Junqueira e irmão de Maria Francisca da Encarnação Junqueira, a primeira moradora do *Rancho da Traituba*, sendo então descendente do patriarca João Francisco Junqueira (GARCIA; SALGADO, 2013).

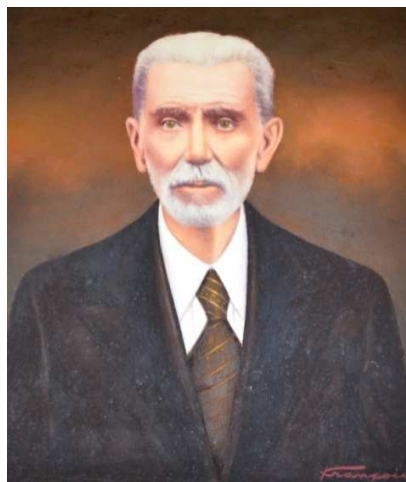


Figura 39 Retrato de Major José Frausino - Pintura a óleo
Fonte: Garcia (2013).

Após seu casamento, Major José Frausino adquiriu a propriedade de José Franklin Junqueira, e em 1902, realizou uma grande reforma na Casa Grande. Na época, acreditava fazer melhorias modernistas e adaptou a mesma aos novos hábitos da civilização, sendo o engenheiro responsável pela obra Dr. Alberto Rocha (NICOLIELLO; CARVALHO, 1985). Muitas mudanças foram feitas como a demolição do segundo pavimento e a retirada de seu mirante (figura 40).



Figura 40 Elevação principal da sede da Fazenda Traituba depois da reforma realizada em 1902
Fonte: Nicolliello e Carvalho (1985).

Porém, segundo relatos de D. Alice, o Major conservou uma parte do segundo andar transformando-a em uma sala e um quarto particular. Esse quarto particular do Major foi abandonado após sua morte e o segundo andar deixou de ser utilizado. Outras pequenas mudanças dentro da casa na distribuição dos cômodos também foram realizadas (JUNQUEIRA, 2013).

4.6.1 O entorno da Casa Grande após a primeira reforma

Nos anos que percorreram desde a construção até a primeira reforma, aconteceram muitos fatos importantes no Brasil. Porém, um em especial obrigaria os grandes fazendeiros a se adaptarem. Em 1888 a Lei Áurea foi assinada pela princesa Izabel, acabando com a escravidão no país. Como relatado anteriormente, não só a Traituba, mas as propriedades da família Junqueira eram grandes unidades escravistas.

Como os proprietários da Fazenda Traituba seguiram a nova lei assinada, a presença da senzala não fazia mais sentido, então a primeira grande mudança na fazenda foi a transformação da senzala em algo que fosse útil para o funcionamento da fazenda.

É certo que essa mudança não foi repentina, pois novas moradias deveriam ser construídas para abrigar o imenso número de pessoas que acabavam de ser forras. Por relatos dos próprios empregados antigos da fazenda, na Traituba, após a abolição dos escravos, muitas casas foram construídas à margem de um córrego que vem da grande serra. Sem dúvida alguns escravos preferiram mudar-se para as cidades vizinhas e tentar novas vidas, porém grande parte deles, recebendo pelo trabalho continuou a viver na Traituba. Foi a partir deste momento que os antigos escravos passaram a serem chamados de colonos da fazenda. Eram tantas casas para abrigar esses colonos que foram até

nomeadas ruas no pequeno vilarejo que se formou. Muitas dessas casas não existem mais (GARCIA; SALGADO, 2013).

A paisagem antes formada por um aglomerado de pessoas vivendo dentro dos muros da Traituba, após essas reformas se modificou um pouco. Outras construções menores compõem a paisagem e o grande movimento se descentraliza. Os colonos após o dia de serviço voltam para suas casas e provavelmente o terreiro de baixo, antes muito movimentado e composto de manifestações culturais dos escravos durante a noite perde essa característica e essas manifestações se transferem para novos terreiros de chão batido formado em meio a casas dos colonos. Portanto, o movimento durante o dia permanece da mesma maneira.

A partir disso, durante a reforma o terreiro de baixo, que antes era de uso coletivo dos escravos e talvez também um local para receber milho e cana que chegavam das roças, passa a ter função diferente. A senzala construída em volta desse terreiro foi transformada em currais (Figura 41) e depósitos de ferramentas e implementos da fazenda, com isso o terreiro se transforma em pastos de bezerros e pastos como curral de espera para as vacas que seriam ordenhadas (GARCIA; SALGADO, 2013).



Figura 41 Vacas no terreiro de baixo, bezerreiro murado ao fundo esquerdo da foto e diversas árvores nos dois terreiros – provável data: antes de 1953
Fonte: Garcia (2012).

O terreiro de cima, onde o comércio de escravos era presente naquele momento passa a ser exclusivo do comércio de vacas leiteiras, touros e cavalos Mangalargas, esses já famosos no país pela característica desenvolvida nas terras dos Junqueiras. Provavelmente, outros animais também eram comercializados, como porcos, carneiros, etc., porém esses outros em menor escala (GARCIA; SALGADO, 2013).

Os currais antes construídos permanecem como eram e apenas algumas estruturas são acrescentadas nos pastos vizinhos a casa. Logo depois que a construção acaba, em sequência, a antiga ala de serviços, em um local de fora dos muros, existiu o que chamavam de “cachorreiro”. Nesse local eram presos os cachorros de raça que acompanhavam os donos em suas caçadas recreativas nos momentos de lazer (figura 42). Essas criações merecem atenção, pois com o tempo, os proprietários da Fazenda Junqueira e seus familiares foram também se

apaixonando pela criação dos mesmos, assim como os cavalos. A figura 43 também ilustra os veados, principal animal caçado e de decorrência muito comum na região da fazenda.



Figura 42 Cachorros caçadores na Fazenda Traituba
Fonte: Paiva (2012).

Foi nessa época entre a primeira reforma e a segunda em 1953 que a fazenda também recebeu importantes modernizações. Uma fábrica de manteiga foi construída perto da sede, e segundo D. Alice, essa foi a primeira fábrica de manteiga de Minas Gerais. Conta ainda que foi nesse mesmo intervalo de tempo onde a fazenda pertenceu a Major José Frauzino e posteriormente a Otto Junqueira (figura 43) , seu sogro, que muitas novidades foram trazidas para a Traituba (JUNQUEIRA, 2013).



Figura 43 Otto Junqueira
Fotografia: Paiva (2013).

Na época, como as fazendas eram muito distantes das cidades, cada uma quando possível tinha sua própria usina de eletricidade. E como sempre a frente de sua época, a Fazenda Traituba foi uma das primeiras a instalar esse sistema que gerava energia elétrica a partir de uma roda-d'água que foi instalada perto da fábrica de manteiga que ficava ao lado de um rego de água que sempre cruzou o terreiro de cima da fazenda, passando em seguida por seus currais e desaguando em um córrego maior abaixo do pomar antigo. Mesmo que pouca, a energia gerada ajudava no funcionamento da fazenda na época.

Segundo Dona Alice, seu sogro, Otto Junqueira, foi o responsável pela construção de outros currais hoje encontrados em volta da Casa, como por exemplo, um curral encontrado bem junto a um dos portões laterais da área de comércio (Figura 44) (JUNQUEIRA, 2013).

Além da atenção aos bovinos, a paixão dos Junqueiras pelos cavalos também era presente em Otto Junqueira que provavelmente, aumentou seu plantel, pois foi necessária a construção de novas baias de cavalos, situadas

dentro do terreiro de comércio. Em sua época esse local, além de servir como palco de demonstrações de seus animais para os compradores, servia também como pasto de espera das vacas que ainda não tinham sido ordenhadas. Sabe-se que por toda a extensão das terras da fazenda existiam retiros de ordenha menores para facilitar o trabalho de tirar o leite das inúmeras vacas leiteiras que eram criadas (GARCIA; SALGADO, 2013).



Figura 44 Curral construído em cima de um dos portões laterais por Otto Junqueira, mais acima os telhados da baia e do curral antigo
Fonte: Garcia (2012).

Foi Otto Junqueira também quem construiu perto da fábrica de manteiga e da usina (Figura 45), um novo chiqueiro para os porcos que foram tirados do chamado mangueiro que era debaixo da casa (GARCIA; SALGADO, 2013).



Figura 45 Fábrica de manteiga; Roda-d'água
Fonte: Garcia (2013).

4.7 Segunda reforma da Casa Grande da Traituba

A segunda reforma da Casa Grande aconteceu logo após o casamento de Oswaldo Cruz de Azevedo Junqueira e Alice Aguiar Junqueira (Figura 46) em 1949, pois eles se mudaram para a Traituba logo após seu casamento. Nesse mesmo ano, Otto Junqueira faleceu.



Figura 46 Oswaldo Junqueira e Alice Junqueira, 1949
Fonte: Garcia (2013).

Poucos anos após o casamento, em 1953, o casal resolveu fazer outra reforma na casa. Segundo D. Alice, quando ela chegou, a casa estava muito

deteriorada pelo tempo e necessitava de restauração e reforma. A ala de serviços, como cozinhas, dispensas, etc., foi demolida aproximadamente até a metade (Figura 47), pois, a casa já estava sendo considerada muito grande e a reforma desses cômodos ficaria mais caro do que a demolição dos mesmos. Dentro da casa, um quarto foi transformado em dois banheiros, uma alcova em rouparia, outro quarto em cozinha e a alcova que existia ao seu lado foi transformada em dispensa. Na sala de jantar também houve grandes mudanças, o imenso corredor que ia de uma extremidade lateral da casa até a outra, chamado pela família de Varanda, foi modificado e apenas uma parte dele ficou como era originalmente. Essas mudanças dos cômodos dentro da casa na reforma de 1953 foram as últimas e atualmente se encontram iguais (JUNQUEIRA, 2013).

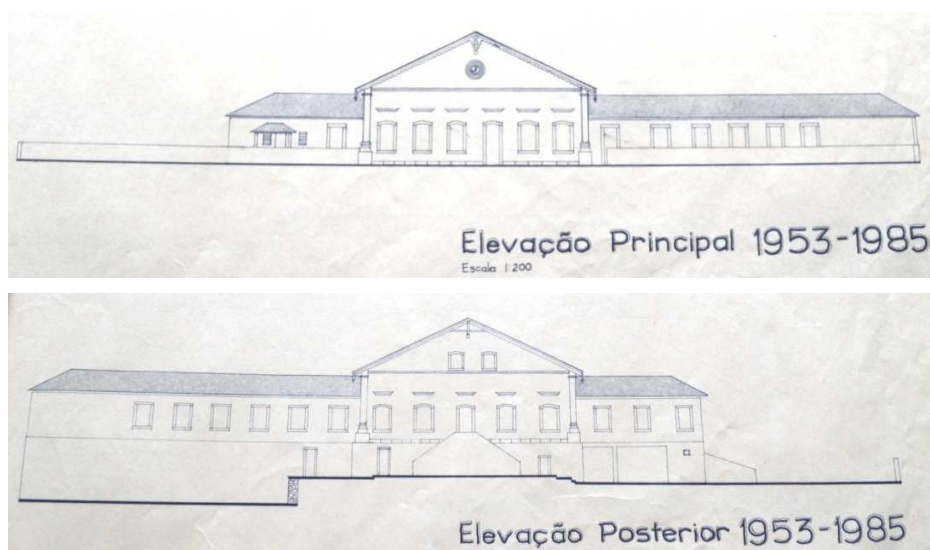


Figura 47 Elevação principal e posterior da sede da Fazenda Traituba depois da nova reforma em 1953

Fonte: Niconiello e Carvalho (1985).

4.7.1 O entorno da Casa Grande após a segunda reforma

A primeira mudança realizada nas áreas externas da casa foi demolir e acabar com os currais das antigas senzalas que existiam. De acordo com D. Alice a proximidade das vacas e bezerros com a casa, estando muito próximas as janelas da Varanda, causava certo desconforto pelo desagradável cheiro e a grande quantidade de mosquitos. Uma parte da senzala, onde era o local de depósito de implementos foi mantida. No terreiro, as árvores menores, como as laranjeiras que existiam dentro e fora do bezerreiro, foram cortadas (Figura 48). Sua irmã plantou uma árvore e anos mais tarde, em 1993 quando a fazenda passou a funcionar como hotel fazenda, D. Alice construiu um quiosque de madeira coberto de capim seco, que segundo ela servia para os compradores de cavalos observarem os animais que eram conduzidos pelo terreiro, dando voltas no quiosque (JUNQUEIRA, 2013).



Figura 48 Foto depois da demolição dos currais, muros e acerto do terreno
Fonte: Garcia (2013).

O terreno do terreiro de baixo mais próximo a casa não era tão plano como hoje e essa mudança também foi feita nesse período. Com a destruição da metade da área de serviço da casa, foi construída uma nova área de serviços onde funcionou como lavanderia e também cozinha (Figura 49). A roupa suja dos proprietários por décadas foram lavadas nas casas dos colonos e com essa mudança a roupa pode ser lavada na própria casa. A culinária mais rústica, como limpeza de carnes de porcos, produção de doces e compotas, assim como frituras de quaisquer alimentos, foi a partir daquele momento, transferida para essa nova área.



Figura 49 Nova área de serviços construída em 1953
Fonte: Garcia (2012).

Logo abaixo desse local, ainda dentro dos muros, a área foi cercada e ali se cultivava flores e plantas (Figura 50). Chamavam esse local de Estufa, porém

como estrutura atualmente conhecida de uma estufa, nada se parecia. Era apenas um cercado com arame e bambus e uma parte era coberta por antigos telhados, que não se sabe ao certo o que foi no passado. O pomar antigo continuou intacto e novas espécies de *Citrus sp.* foram plantadas.



Figura 50 Foto da década de 60, detalhe da estufa ao canto direito da fotografia
Fonte: Garcia (2013).

No pátio dos veados, nada foi feito. No outro pátio, sentiu a necessidade da construção de um galinheiro e também foi construído um depósito de sal, construções essas existentes até hoje, porém inativas ou com outros fins. Conta também que a antiga fábrica de manteiga tinha se transformado em casa de caseiro (GARCIA; SALGADO, 2013).

Quando D. Alice chegou viu a necessidade de fazer funcionar um sistema de ensino na fazenda, já que, quase todos, eram analfabetos. Então, a original fábrica de manteiga se transformou em uma sala de aula. Ela mesma

iniciou o processo da educação e também deu aulas de catecismo na escolinha. Quando engravidou, poucos anos mais tarde, contratou moças da cidade para irem até a fazenda e substituí-la naquela importante tarefa (JUNQUEIRA, 2013).

4.8 Últimas reformas

O casal Oswaldo Junqueira e Alice Junqueira viveu na Fazenda Traituba, tiveram seus filhos e os criaram tradicionalmente. Muitas são as histórias relatadas por eles, de como eram bons os tempos vividos na Traituba. Sempre recebiam muitas visitas de primos e familiares, a casa era movimentada o ano todo, especialmente nas datas comemorativas e nas férias, onde a família se reunia e se divertia sempre na bela e acolhedora Casa Grande (JUNQUEIRA, 2013). O Sr. Oswaldo Junqueira faleceu em 1982 e D. Alice, continuou a viver na fazenda, assumindo a administração dos negócios, auxiliada por seus filhos (JUNQUEIRA, 2013).

Em 1985 D. Alice realizou outra reforma na casa, fazendo alguns reparos necessários ao bom funcionamento da fazenda e a Casa Grande recebe uma nova pintura, em tons de azul e branco (Figura 51).



Figura 51 Fazenda Traituba, década de 1980
Fonte: Junqueira (2012).

A fazenda sempre recebeu muitos visitantes e familiares, porém, conforme relatos de D. Alice, após a reforma de 1985 (Figura 52), esse movimento aumentou, sobretudo de curiosos e interessados em arquitetura colonial rural mineira. Assim, o tempo para cuidar e administrar a fazenda já não era mais suficiente. Foi nessa ocasião que D. Alice percebeu a oportunidade e o potencial que a Fazenda Traituba tinha. Então, em 1993 inaugurou o Hotel Fazenda Traituba que funcionou até 2007 (JUNQUEIRA, 2013).



Figura 52 Da esquerda para direita encontram-se: Osvaldo Junqueira (filho) e sua esposa Cláudia Meirelles; José Frausino Junqueira (filho) e sua esposa Fátima Ferreira; Eurico Junqueira (filho); Alice Aguiar Junqueira (mãe); Maria de Lourdes da Cunha; Otto Junqueira (filho); João Francisco Junqueira(filho); Alice Junqueira (filha) e Avelino Junqueira (filho) em 1985

Fonte: Junqueira (2013).

A última reforma foi realizada em 2004, também com a finalidade de manutenção. Um ano depois, em 2005, aconteceu um encontro nacional da família Junqueira e diversos descendentes do patriarca João Francisco Junqueira se reuniram em uma grande festa realizada no Hotel Fazenda Traituba (GARCIA; SALGADO, 2013).

Há propostas dos atuais proprietários de se realizar uma restauração de toda a sede, porém ainda não existe nenhum projeto concreto (GARCIA; PAIVA, 2012).

4.9 Religiosidade e lendas da Fazenda Traituba

Em muitas fazendas mineiras do século XVIII são encontradas capelas e até mesmo altares dentro das próprias sedes com imagens de diferentes santos,

de acordo com a devoção da população. Essas construções são consequência da cultura portuguesa onde imagens de santos e igrejas sempre foram muito valorizadas. Algumas vezes a distância da fazenda em relação às capelas e paróquias das cidades e vilas era o motivo principal para a construção desses templos outras vezes em seu inconsciente a população rural acreditava que com esses locais os santos estariam mais protegidos e salvos. Essa cultura não foi um fato isolado na história rural brasileira esta prática se manifesta até os dias atuais, pelas fazendas do Brasil são encontradas desde singelas e charmosas capelinhas até grandes obras arquitetônicas.

Na fazenda Traituba o que ocorreu foi um pouco diferente. Foi apenas quando D. Alice mudou para a fazenda que os colonos e também a família teve algum contato com a religião em aulas de catecismo. Em tempos eram realizadas comemorações de primeira eucaristia onde missas eram rezadas dentro do Jardim Velho.

Em nenhuma época da história da Fazenda Traituba uma capela ou algum altar foi construído na propriedade. Esse fato gerou curiosidade já que a família sempre se mostrou muito religiosa e com costumes fortemente marcados pela cultura e descendência portuguesa (JUNQUEIRA, 2013).

Nicoliello e Carvalho (1985) citam em sua pesquisa um relato do Sr. Samuel Junqueira, irmão de Osvaldo Junqueira, ambos os netos de Major José Frausino. A ausência de uma capela na fazenda, obra corriqueira nas fazendas da época, segundo Sr. Samuel Junqueira se deve ao fato de que seu avô Major José Frausino Fortes, não era católico fervoroso e não tinha muito apreço por religiosos. Por isso, quando realizou a reforma não fez questão de construir nenhuma capela ou mesmo demoliu alguma que existia dentro da casa ou em seus arredores, pois não queria incomodo com religiosos frequentando sua propriedade.

Porém, segundo D. Alice, viúva de Osvaldo Junqueira, o motivo mais óbvio da ausência de uma capela foi o fato de que a capela da Fazenda Favacho sempre foi muito frequentada por toda comunidade da Fazenda Traituba, desde os familiares até os colonos da fazenda. A distância entre a Casa Grande da fazenda Traituba até a Capela da fazenda Favacho é considerada muito curta, em torno de 15 minutos de caminhada por uma trilha que corta os pastos e um riacho, caminho este afastado da estrada de terra onde os automóveis e diversos transeuntes passam normalmente. Esse caminho é considerado um atalho para todos que vão a pé ou a cavalo (JUNQUEIRA, 2013).

A consideração que a família da Fazenda Traituba nunca se preocupou em construir um templo religioso se faz mais coerente, a construção de uma capela poderia dividir as famílias, já que essas tinham o costume e tradição de irem todas juntas à capela do Favacho aos domingos e dias festivos. Esse local desde o início das histórias das fazendas da família Junqueira, foi um marco religioso na região, no qual muitos casamentos e batizados foram realizados (MATTOS, 2004).

Talvez a família realmente nunca se preocupou em construir um templo religioso, uma vez que na Fazenda Favacho sempre existiu uma capela benta (Figura 53) e tradicionalmente frequentada pelo povo e pela família Junqueira.



Figura 53 Capela São José do Favacho
Fonte: Mattos (2004).

Silva (2013), antigo e atual empregado da fazenda relatou uma história interessante. Segundo ele, em uma gruta perto de um riacho que corta o atalho entre a Fazenda Traituba e a Fazenda do Favacho em meados dos anos 1975 um empregado jurou ter visto uma imagem de uma santa na água daquela gruta enquanto passava por lá. Essa notícia correu rapidamente pela região e depois de alguns dias pessoas começaram a visitar o local. Todos acreditavam ter visto também a imagem. A história se espalhou rapidamente. Depois de um tempo religiosos curiosos de cidades mais distantes começaram a ir até a fazenda Traituba a fim de visitar o local e ver a imagem da santa, eram tantas pessoas que até excursões de ônibus começaram a serem organizadas. Esse grande alvoroço incomodou os proprietários da fazenda na época e rapidamente aterraram o local e acabaram com aquelas alvoroçadas caminhadas religiosas.

Ao contrário, de acordo com Dona Alice essa aparição foi na verdade uma história inventada pelo empregado e aceita pelos religiosos mais devotos.

Para ela e toda sua família que vivia na época na sede da fazenda, a imagem da santa era apenas o reflexo do sol nas águas cristalinas do local e que por isso tiveram que tomar decisões drásticas para acabar com o grande movimento que estava se formando na fazenda (JUNQUEIRA, 2013).

Na fazenda atualmente o que se encontra é um Cruzeiro (Figura 54) localizado perto da Casa Grande, o qual foi colocado após a passagem de um padre em procissão com fiéis (JUNQUEIRA, 2013).



Figura 54 Cruzeiro localizado perto da Casa Grande
Fonte: Paiva (2012).

Todos que passam por essas fazendas da região, seja por uma pequena visita ou ainda para se hospedar por longos períodos, conversando com os fazendeiros e seus empregados escutam normalmente muitas histórias intrigantes e casos de “assombração” que são casos muitas vezes envolvendo aparições

misteriosas, sons amedrontadores, etc. O medo de “almas penadas”, mula sem cabeça entre outras crenças estão presente no inconsciente dos povos mais antigos e essa questão pode ser interpretada até como parte da cultura da população das fazendas históricas e das cidades do interior de Minas. Esses casos quando muito antigos viram até lenda e são passados de geração em geração nas reuniões de família, onde as tecnologias ficam de lado e ainda prevalece o bom costume de sentarem todos reunidos, conversando e contando histórias por longas horas.

A história de uma luz misteriosa também foi relatada por Valdir Carlos da Silva. Em tempos a misteriosa Luz aparecia no meio dos pastos inesperadamente e depois de poucos segundos desaparecia sem explicações. Muitos antigos moradores da fazenda contavam e juravam ter visto essa misteriosa Luz. Valdir afirmou que seu pai já presenciou esse fato e que por isso acredita sem questionamentos. Esse é um fato interessante já que muitas histórias parecidas com essa são contadas em outras fazendas e até mesmo em cidades vizinhas como São Thomé das Letras e Luminárias, cidade esta que recebeu este nome devido a luzes misteriosas que apareciam nas serras vizinhas da cidade (SILVA, 2012).

Outra crença e medo coletivo da fazenda eram a respeito de uma mata que margeia o córrego localizado perto da Casa Grande. Em tempos antigos, muitas pessoas foram enterradas nesse local, quando um escravo ou mais recentemente um empregado morria o destino do corpo falecido era entre as árvores dessa pequena mata. Com esses eventos, os colonos que viveram na Fazenda Traituba sempre que podiam evitavam passar entre essa Mata, pois acreditavam fielmente que os mortos enterrados ali voltavam para assombra-los (SILVA, 2013).

Em relação à Casa Grande, nenhuma grande e assustadora história foi relatada, diferentemente de outras fazendas históricas da região, onde muitos

casos de barulhos de correntes e vozes vindas das antigas senzalas são contados com grande receio.

4.10 Os jardins da Fazenda Traituba

Com a chegada da Família Real, em 1808, ao Brasil, muitos foram os benefícios com mudanças e melhorias por todo o país. Logo que chegou ao Brasil, D. João assinou um decreto que exigia a construção da Real Fábrica de Pólvora e, na mesma área, a criação de um “Jardim de Aclimação”, pois, juntamente com a corte vinham também diversas mudas de espécies exóticas, as quais D. João gostaria de cultivá-las. O Jardim passou a se chamar Horto Real e foi importante tanto no desenvolvimento dos estudos botânicos quanto no início da história dos jardins no Brasil (SOS JARDIM BOTANICO, 2013).

Na época em que João Pedro Diniz Junqueira construiu a Casa Grande, o Jardim Botânico já estava aberto ao público há dez anos e, antes disso, nos anos de entre 1779 e 1783 já havia sido construído no Rio de Janeiro o primeiro jardim público do país (PASSEIO PÚBLICO, 2002; ROBBA; MACEDO, 2002). A cultura europeia dos grandes jardins que demonstravam poder e nobreza foi timidamente introduzida no inconsciente dos brasileiros nesses séculos, pois, antes disso, o que existia eram apenas hortas e pequenos canteiros, e os jardins eram discretos e não tinham caráter público.

4.10.1 Os primeiros ajardinamentos do entorno da Casa Grande

A família Junqueira tinha uma relação próxima de amizade com os membros da corte e suas visitas ao Rio de Janeiro sempre foram constantes. Com essas visitas, sem dúvida, João Pedro Diniz Junqueira já havia notado a atenção que a Família Real dava aos jardins. Na tentativa de seguir os padrões

reais e agradar ao imperador que iria visitá-lo em Minas, algumas mudas poderiam ter sido trazidas para sua propriedade.

No entanto, o que se nota nos jardins da Fazenda Traituba é que esses nunca se espelharam nos padrões dos grandes jardins ingleses, franceses ou italianos. A influência portuguesa pela origem da família imprimiu um caráter de simplicidade aos jardins, prevalecendo na área da fazenda à importância comercial, base da sua construção e desenvolvimento econômico ao longo dos anos.

4.10.2 Os primeiros registros iconográficos

Onde atualmente se encontra grandes gramados e pastos mantidos roçados pelos proprietários dentro dos muros da Traituba, provavelmente existiram grandes árvores. É possível observá-las já cortadas na figura 55, na qual, mesmo sendo registros do início do século XX, nota-se que as árvores são grandes e adultas, supondo assim que já existiam no local nos século anterior.



Figura 55 Homens encostados em um grande tronco de árvore. Data provável: início do século XX

Fonte: Garcia (2012).

Na figura 56 que aparenta registrar a celebração de uma missa, é possível confirmar a suposição da existência de árvores dentro dos muros da Traituba, pois observa-se a copa de uma grande árvore dentro dos muros, no terreiro de cima. Essas árvores poderiam ser nativas da região ou até mesmo terem sido plantadas pelos primeiros proprietários na bela paisagem que a fazenda exibia.



Figura 56 Celebração religiosa em frente o portão central – Início do século XX
Fonte: Garcia (2012).

No registro iconográfico mais antigo encontrado da área dos jardins de entrada da fazenda (Figura 58), provavelmente da década de 1940 (GARCIA; SALGADO, 2013) é possível perceber que, logo a frente da casa, em sequência à porta de entrada principal, havia um passeio de pedras grandes e um espaço ajardinado, o qual, em seguida, era todo cercado por ripas recortadas de madeira. Supõe-se que esse jardim sempre existiu, desde a construção da casa. Além de ser uma tentativa de embelezamento da casa, seria também uma divisão e limite entre os aposentos particulares da família e a área onde funcionava o grande

comércio, pois nesse local, diversas pessoas desconhecidas, provavelmente, passavam pelo fato da fazenda estar na rota da Estrada Real. Ainda, nesse cercado, supostamente uma horta dividia o espaço e se misturava com o jardim.

Pela ausência de registros iconográficos e documentais anteriores a esse (Figura 57), não é possível descrever como era e que plantas havia nesse jardim nos anos anteriores, ou até mesmo se era um singelo jardim ou se poderia ter sido uma bela representação de tudo que João Pedro Junqueira havia visitado no Rio de Janeiro, já que sua Casa Grande diferia de todos os padrões encontrados em outras propriedades do mesmo século. O que se observa são, aparentemente, exemplares de *Euphorbia milii* plantadas em latões de ferro e, ainda, é possível observar uma muda de palmeira cultivada juntamente a outra espécie não identificada. A casa dos viajantes ainda encontrava-se íntegra, mas foi demolida na reforma de 1953 (GARCIA; SALGADO, 2013).

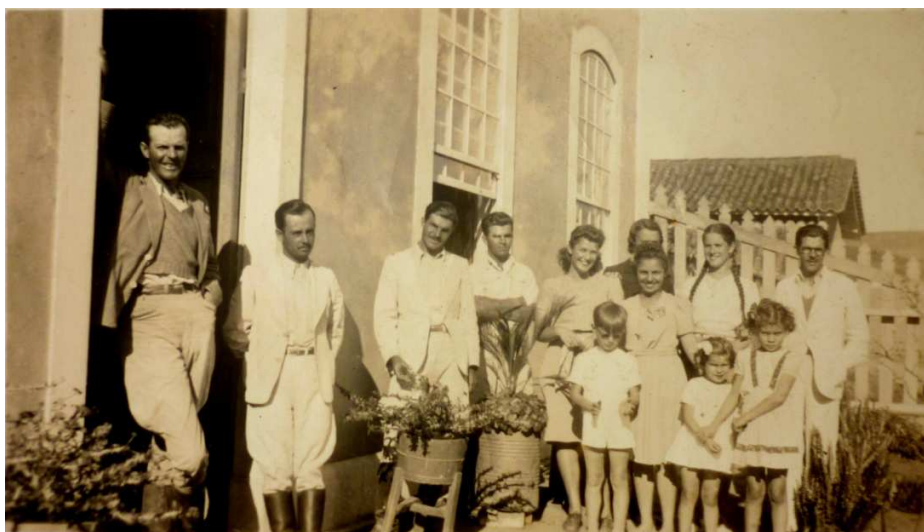


Figura 57 Jardim de entrada. Década de 1940
Fonte: Garcia (2012).

No pátio lateral esquerdo da casa, onde antes poderia ter existido um jardim de passagem para os que iam até a venda e aos depósitos, uma vez que era chamado de jardim velho (GARCIA; SALGADO, 2013) ou até mesmo um pomar particular, com o passar dos anos, passou a ser usado como curral dos veados. Em relatos de D. Alice, as caçadas nessa época eram muito corriqueiras entre os proprietários da Traituba e seus familiares. Mas, com o tempo os animais foram "sumindo" das matas e assim para se manter essa atividade, veados eram trazidos de outras terras. Esses eram deixados de quarentena nesse pátio e, quando requisitado, eram soltos alguns dias antes das caçadas. A estadia desses animais no pátio, mesmo que rápida, sem dúvida, destruiu qualquer espécie de plantas ornamentais que naquele local um dia poderia ter sido cultivado (JUNQUEIRA, 2013). As poucas que sobraram foram duas Jabuticabeiras e um maciço de agave dragão (Figura 58).

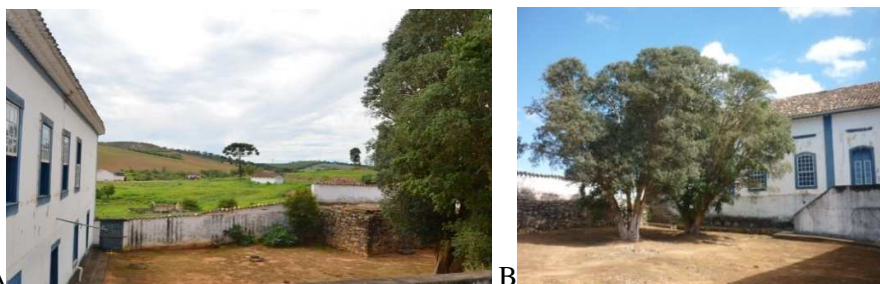


Figura 58 Pátio esquerdo, Jardim Velho (A); Curral dos Veados (B)
Fonte: Paiva (2012) e Garcia (2013).

No período entre a construção da Casa Grande em 1831 e a década 1950, é possível que mudanças tenham sido feitas nos jardins da frente e no jardim velho ou se esses eram singelos ou mesmo não existiam, foram transformados. Assim, o jardim de entrada passou a ter um destaque maior na casa da Fazenda Traituba com o passar dos anos.

4.10.3 O jardim a partir da reforma de 1953

Após a chegada à Fazenda Traituba em 1949, por ocasião do seu casamento, D. Alice Junqueira encontrou, à frente da casa, um jardim cercado de ripas de madeira estilizadas e, ao lado esquerdo do jardim, “uma grande horta, onde várias verduras eram produzidas”. Ainda, nessa horta, havia um tanque de água em formato retangular que era abastecido para irrigar a horta e os jardins. É interessante destacar que nos primeiros anos de existência da casa, uma horta velha era cultivada fora dos muros do terreiro de baixo. A horta que D. Alice encontrou pode ter sido sempre cultivada juntamente ao jardim com intuito de facilitar o cultivo e a colheita, característica muito comum nos jardins dessas décadas, influenciados pela cultura portuguesa (DELPHIM, 2005).

Pela figura 59, na foto ano de 1953 é possível observar a horta, com várias espécies cultivadas, além também de ser possível perceber que não existia uma nítida divisão entre a horta e o jardim. Essa fotografia foi tirada antes da reforma realizada nesse mesmo ano, 1953, pois a ala de serviços está erguida (GARCIA; SALGADO, 2013).



Figura 59 Jardim e horta de entrada antes da reforma de 1953
Fonte: Garcia (2013).

Ainda nessa mesma figura, um pequeno chafariz é encontrado na entrada, ao lado de fora do jardim. Dentre as espécies ornamentais cultivadas, D. Alice Junqueira recorda-se da existência de primaveras (*Bougainvillea sp*) nesse jardim, a qual pode ser identificada juntamente a um arco que ornamenta o portão de entrada (Figura 60). Segundo D. Alice essa mesma espécie encobria o tanque de água (JUNQUEIRA, 2013).



Figura 60 *Philodendron bipinnatifidum* replantados rente ao muro da escada. Década de 1970

Fonte: Garcia (2013).

Após quatro anos morando nessa casa D. Alice e Sr. Oswaldo Junqueira realizaram uma reforma na casa, e também mudanças foram feitas no jardim de entrada da Fazenda Traituba.

Primeiramente, a horta foi transferida para um novo local, ao lado do pomar antigo, ao lado de fora dos muros do terreiro de baixo. O tanque que havia na horta foi demolido, as ripas de madeira que delimitavam o jardim-horta também foram retiradas. Algumas mudas de imbê (*Philodendron bipinnatifidum*) foram deixadas no jardim e outras, foram replantadas rente à escada de entrada do terreiro de baixo (Figura 61).

Segundo Junqueira (2013), existiam uma grande diversidade de espécies cultivadas no jardim, porém sem nenhuma organização em canteiros ou traçados definidos. Entre essas, citam-se hortênsias e rosas, além de uma palmeira, o que pode ser visualizada na figura 57, onde possivelmente a mesma muda estava sendo cultivada dentro de um vaso.

Ainda, nessa figura, é possível observar a presença da *Euphorbia milii* cultivada em latões e de outra *Euphorbiaceae*. Segundo D. Alice havia diferentes espécies de cactos espalhados no jardim, Também existia a flor-de-

maio (*Schlumbergera truncata*) e o sagu (*Cyca revoluta*), espécie essa que sobreviveria às intervenções realizadas no jardim (JUNQUEIRA, 2013).

Até a chegada de D. Alice Junqueira à fazenda, o que se percebe é que espécies com pequena necessidade de manutenção, ou seja, mais rústicas, eram preferidas para o cultivo, diminuindo assim, a preocupação e o cuidado com o jardim, sendo a horta o foco principal do jardim de entrada.

As plantas encontradas no jardim de entrada foram reorganizadas em canteiros desenhados pela proprietária. As palmeiras da espécie *Coccothrinax barbadensis* tomaram lugar de destaque no jardim, outras espécies, como rosas, hortênsias e outras mais não identificadas, foram plantadas formando renques e canteiros. Na fotografia datada da década de 1960 (Figura 61), dez anos ou mais depois da reforma de 1953, é possível comprovar os relatos de D. Alice Junqueira sobre a construção desse jardim, podendo ser visualizadas as palmeiras já estão grandes e uma *Cyca revoluta* encontrada em meio ao jardim, além de outras espécies formando canteiros e renques (JUNQUEIRA, 2013).



Figura 61 Jardim de entrada com diversas espécies e canteiros – Década de 1960
Fonte: Garcia (2013).

Outras espécies floríferas e ornamentais foram transplantadas e cultivadas em um local específico, logo abaixo da lavanderia, dentro dos muros do terreiro de baixo. Foi feito um cercado de bambu e arame e, uma parte desse cercado, ficou coberta por um telhado já existente. Esse local foi denominado estufa (Figura 62). Nele eram cultivadas diferentes flores que serviam para ornamentação do interior da Casa Grande.



Figura 62 Local onde a antiga estufa se encontrava
Fonte: Garcia (2013).

Observando o jardim de outro ângulo, datada do ano de 1970 (Figura 63), é possível perceber o novo caminho em formato circular rodeando uma *cyca*, que segundo relatos de D. Alice, ela mesma traçou esse círculo usando um carro como referência. Depois de várias voltas no mesmo local, um círculo foi formado e, logo em seguida, foi lajeado com pedras e cimento. Dois caminhos laterais foram delimitados, um seguia para uma casinha de bonecas construída durante a reforma e o outro seguia para a piscina, ainda revestida de cimento também construída no mesmo ano (JUNQUEIRA, 2013).

Nessa mesma imagem, nota-se que a antiga cerca de réguas de madeira foi substituída por uma mureta de alvenaria com um telhado em cima. Esse foi construído em toda a extensão dos muros laterais, delimitando assim um novo espaço para o jardim, agora constituído de diferentes espécies ornamentais, uma casinha de bonecas e uma piscina (JUNQUEIRA, 2012).



Figura 63 Novo jardim de entrada formado na reforma de 1953. Data: outubro de 1970
Fonte: Garcia (2012).

Um novo conceito de jardim é inserido na história da Fazenda Traituba a partir da década de 1950. O que antes era principalmente um jardim com funções utilitárias estabelecidas desde seu surgimento, passa então a ser valorizado, na tentativa de modernizar e embelezar a paisagem da fazenda. O conceito de praça ajardinada estabelecido nas praças e jardins particulares urbanos do Brasil ocorreu no início do século XX. Essa idealização de um belo cenário ajardinado destinado às recreações, ao lazer e ao convívio das pessoas foi inserida nos jardins da Traituba, mesmo que inconscientemente, anos mais tarde pelo casal Alice e Oswaldo Junqueira. Pode-se afirmar que, mesmo sem estudos na área do paisagismo, o *Eclétismo* foi utilizado que é uma linha de projeto do paisagismo brasileiro onde, vários estilos são misturados, como base para o desenho do novo jardim (ROBBA; MACEDO, 2002).

4.10.4 O jardim nas décadas de 1980 e 1990

Como a última reforma já havia sido realizada há mais de 30 anos, D. Alice Junqueira, já viúva, sentiu a necessidade de fazer uma nova reforma na fazenda, apenas como manutenção. Um pequeno portão foi instalado no muro direito a casa e, em seguida, uma escada, possibilitando assim o acesso ao pátio lateral, antigo curral dos veados. Toda a casa foi pintada em tons de azul e branco. Outros reparos para o bom funcionamento da sede também foram realizados (JUNQUEIRA, 2013).

No jardim não foram feitas grandes mudanças, porém, foi após essa renovação que a paisagem formada pelas imensas construções da Fazenda Traituba, associadas ao seu entorno, que muitos turistas de outras regiões começam a se interessar pela histórica fazenda. Nesse momento D. Alice Junqueira percebeu como uma ótima oportunidade econômica e inaugurou o Hotel Fazenda Traituba, em 1993 (JUNQUEIRA, 2013).

Antes, porém, algumas mudanças foram realizadas no jardim de entrada. A piscina feita de cimento foi substituída por uma de fibra de vidro e, no seu entorno, foram construídos dois quiosques com estrutura de madeira, cobertos de capins secos, servindo como área de descanso e contemplação (Figura 64).



Figura 64 Jardim de entrada: década de 1990

Fonte: Fazenda ... (2013).

Sabe-se que algumas novas espécies ornamentais foram plantadas, porém não é possível identificá-las pela falta de registros. O que se percebe são bordaduras vegetais por todos os caminhos. O traçado dos caminhos e seu revestimento de pedras, desenhado por D. Alice Junqueira na década de 1950 também permaneceu.

Essa renovação e atenção ao jardim reforçaram a idealização gerada nas décadas anteriores de um belo local destinado às recreações, ao lazer e ao convívio das pessoas. Nessa época, a família já não era mais os únicos frequentadores desse jardim, com o hotel-fazenda em funcionamento, a grande maioria dos usuários desse jardim eram os hóspedes (JUNQUEIRA, 2013).

Porém, também havia pessoas que apenas passavam pela sede e não se hospedavam no Hotel Fazenda Traituba, e tinham o intuito somente de conhecer o interior da casa. Como normalmente eram recebidas pelas portas dos fundos, vários são os relatos do desconhecimento da existência de jardins na fazenda. Para tanto, o terreiro de baixo era utilizado como estacionamento. Esse interessante fato pode ser explicado devido aos hábitos da família desde as décadas anteriores, pois preferiam entrar na Casa Grande pelas portas dos fundos, evitando assim o esforço para abrir os enormes portões dos muros do terreiro de entrada.

O jardim de entrada, portanto, continuará sem muitas perceptíveis mudanças durante os próximos anos.

4.10.5 O jardim do século XXI

Em 2004, a fazenda foi novamente reformada apenas com a finalidade de manutenção e, com isso, algumas pequenas mudanças também foram feitas no jardim de entrada da Casa Grande.

Os dois quiosques inicialmente construídos de madeira apresentavam-se deteriorados pelo tempo e um deles foi retirado, o outro recebeu novo tratamento e sua estrutura passou a ser de alvenaria. O mesmo foi feito com o quiosque localizado no terreiro de baixo.

De acordo com D. Alice Junqueira, nenhuma nova espécie foi introduzida no jardim no período dessa reforma. Apenas foram feitas distribuição e manutenção das espécies já existentes (JUNQUEIRA, 2013).

Nas primeiras décadas do século XX o responsável pela manutenção do jardim era conhecido como hortelão. Esse cargo sempre foi ocupado por homens, geralmente eram quatro ou cinco, no qual tinham a função de, além de cuidar do jardim, preocupar com o bom estado das hortas, dos pomares e também da limpeza dos terreiros de dentro dos muros da fazenda. Esse modelo perdurou por todos os anos até o ano 2009. Atualmente, não existe um empregado encarregado pela manutenção do jardim.

Após um ano da reforma de 2004, uma grande festa reuniu inúmeras pessoas da família Junqueira, essa festa ocorreu na sede da fazenda e o jardim sediou grande parte dessa confraternização. Nos anos posteriores não houve nenhuma mudança na estética e no desenho do jardim e, após a decisão de finalizar o funcionamento da Fazenda como hotel em 2007, as atenções ao jardim diminuíram com o passar dos anos. As plantas sobreviveram, porém sem manutenção cuidadosa. Apenas o gramado é cortado periodicamente e algumas espécies também receberam podas esporádicas.

Em 2009 a fazenda foi vendida e deixou de ser propriedade da família Junqueira.

4.10.6 A Fazenda Traituba nos dias atuais e seu jardim de entrada

Desde 2009, a Fazenda Traituba foi se modificando e atualmente tem como principal atividade agrícola o plantio de milho sendo que, do total de terras da propriedade, 1050 ha, 600 são utilizados para essa cultura (GARCIA; PAIVA, 2012). Os antigos pastos onde o gado leiteiro e os cavalos eram criados foram também substituídos por grandes lavouras de milho, o que causou uma significativa mudança na paisagem pastoral sempre presente na história da fazenda (Figura 65).



Figura 65 Roça de milho e Serra da Traituba ao fundo
Fonte: Garcia (2013).

Os currais onde era ordenhado o leite encontram-se desativados. O “cachorreiro”, o chiqueiro dos porcos e outras estruturas utilizadas para a criação de animais também se encontram desativadas. O plantel de cavalos da raça Mangalarga Marchador da Fazenda Traituba e patrimônio ligado ao nome da família Junqueira, não foi vendido juntamente com as terras e a família transportou os animais para um haras, localizado na cidade de Cruzília, onde também atualmente reside a maioria dos familiares dos Junqueira da Traituba.

A Casa Grande é aberta todos os dias da semana pela manhã por um empregado encarregado dessa função, sendo necessários 30 minutos para o serviço de abertura das 32 janelas. Esses juntamente com sua esposa são responsáveis pela manutenção da casa, mesmo não havendo nenhum residente na mesma e atualmente funciona como escritório da fazenda.

Os elementos arquitetônicos do jardim de entrada continuam sem alteração em relação às mudanças de 2004. O traçado também não foi modificado (Figura 66), mantendo-se aquele feito por D. Alice Junqueira na década 1960.

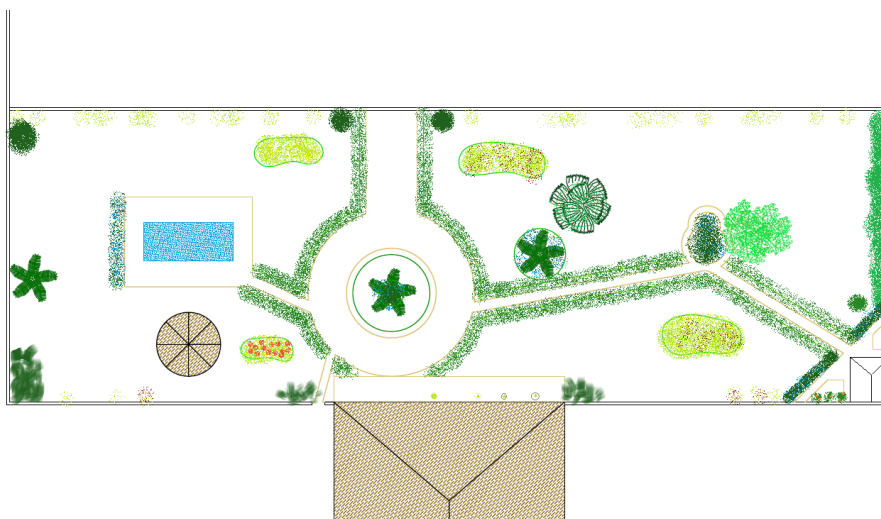


Figura 66 Planta baixa do jardim de entrada nos dias atuais. Projetada pelo software AutoCad/2011

Fonte: Garcia (2013).

Compondo a bordadura dos caminhos principais, encontram-se *Hemerocalis* amarelos (*Hemerecallis x hybrida*) e os caminhos secundários são bordados por *Agapantos* (*Agapanthus africanus*). Essas espécies de *Agapantos* também são encontradas do lado esquerdo e no canteiro central do jardim, elas estão envolta de duas *Cycas* (*Cyca revoluta*), uma palmeira (*Coccothrinax*

barbadensis) e dentro do canteiro em forma de oito (Figura 67). No canteiro central onde existe a *Cyca* mais baixa são encontradas além das espécies de Agapantos, a grama batatais (*Paspalum notatum*) e ainda no local onde só há terra, existiu uma espécie mais baixa de flores pequenas e amarelas não identificadas (GARCIA; SALGADO, 2013). A grande *Cyca* e a palmeira, provavelmente foram plantadas na mesma época, década de 1950 e possuem, portanto, idade superior a 60 anos.



Figura 67 Jardim de entrada, ao fundo a casinha de bonecas
Fonte: Paiva (2012).

Nesse mesmo canteiro (Figura 68a) foi encontrada uma estrutura de alvenaria muito degradada, que permite supor que nesse local existiu o tanque da antiga horta e depois algum tipo de chafariz. Ao lado desse canteiro uma touceira de *Philodendron bipinnatifidum*, que cresce sem qualquer impedimento. Perto da casinha de bonecas são encontradas estrelítizias (*Strelitzia reginae*), crótons (*Codiaeum variegatum*) e uma romanzeira (*Punica granatum*) (Figura 68b).



Figura 68 Canteiro com agapantos e vestígios de estrutura de alvenaria (a); Casinha de bonecas com romã, agapantos, crótons e estrelíztias (b)
Fonte: Garcia (2013) e Paiva (2012).

Rente ao muro lateral esquerdo da Casa Grande, diversas hortênsias (*Hydrangea macrophylla*) podem ser admiradas (Figura 69a), pois se encontram bem desenvolvidas com aspecto saudável, provavelmente, consequência do clima ameno, muito satisfatório para o desenvolvimento dessa espécie. O canteiro de hortênsias se repete do outro lado do jardim. Contornando todo o jardim, algumas roseiras ainda resistem (Figura 69b), supondo-se que essas espécies sempre ocuparam esses locais. Ainda, do lado esquerdo ao canteiro central, são encontrados dois canteiros de rosas que carecem de manutenção.



Figura 69 Hortênsias beirando o muro lateral (a); canteiro de rosas (b)
Fonte: Paiva (2012).

Do lado do portão de entrada são encontradas duas mudas de azaleia (*Rhododendrum* sp.), e, logo à frente da porta de entrada, um passeio de pedras, no

qual estão dispostos velhos vasos, possivelmente os mesmos registrados na fotografia da década de 1940. Nos dois cantos da casa, espécies de helicônias (*Heliconia sp.*) compõem o espaço (Figura 70).



Figura 70 Jardim de entrada da Fazenda Traituba
Fonte: Garcia (2013).

Próximo ao quiosque foi plantado um canteiro de ixoras (*Ixora coccinea*). Contornando o piso de pedras da piscina, nenhuma vegetação existe atualmente, porém supõe-se que nesse local existiu alguma espécie seguindo o estilo de bordadura do jardim. Outra grande muda de cica é encontrada rente ao muro (Figura 71).



Figura 71 Lado direito do jardim de entrada
Fonte: Garcia (2013).

Nesse muro lateral direito são encontradas além de algumas rosas, um canteiro de trapoeraba-roxa (*Tradescantia pallida* var. *pupurea*), helicônias em uma extremidade e uma nandina (*Nandina domestica*) na outra (Figura 71). A piscina não está sendo mais utilizada há anos e por isso se encontra vazia e danificada. Essa estrutura, que fazia parte dos primórdios da construção da fazenda, faz destoar à paisagem.

A composição do jardim segue um desenho aparentemente simples, e com espécies fáceis de manter, porém, atualmente, não recebe nenhum tratamento especial de manutenção ou revitalização, à exceção do corte do gramado.

O atual grupo proprietário da fazenda possui um projeto futuro de revitalização e restauração da Casa Grande da Fazenda Traituba. Espera-se que, juntamente dessa reforma, uma intervenção para revitalização segundo os princípios de jardins históricos (DELPHIM, 2005), seja feita nos jardins do entorno da casa, o que seria de grande importância, uma vez que os jardins correlacionam-se com história e a cultura dessa fazenda.

5 CONCLUSÕES

Ao final desta pesquisa foi concluído que são poucas as fontes existentes e ainda não existem pesquisas que abordam a questão específica do paisagismo nas fazendas históricas do sul de Minas. Esse foi um fator limitante e fez com que este trabalho fosse feito sob muita cautela.

Após a construção da Casa Grande em 1831, a Fazenda Traituba mostrou um grande e constante desenvolvimento econômico durante todo o século XIX. Suas boas relações com a Corte no Rio de Janeiro e sua imensa criação de gado de leite, os famosos cavalos e, em menor proporção, a criação de outros animais e produção de alimentos fizeram com que a fazenda tivesse maior representatividade no inconsciente coletivo dos habitantes da região, sendo referência em desenvolvimento econômico e cultura. Localizada no Caminho Velho da Estrada Real, a fazenda sempre foi um lugar muito movimentado e com grande influência sobre as demais do entorno da região. As principais atividades agrícolas iniciais persistiram até poucos anos atrás.

Apesar da grande representatividade de poder e riqueza observa-se que os jardins da Fazenda Traituba nunca se espelharam nos modelos dos imponentes jardins franceses, italianos ou ingleses. O grande número de residentes na fazenda nas primeiras décadas de sua existência e a grande influência cultural portuguesa, origem da família Junqueira, transmitiu aos jardins um caráter de simplicidade com funções utilitárias, onde o jardim era associado a hortas e pomares. Nesses eram cultivadas principalmente hortaliças, árvores frutíferas exóticas como mangueiras, abacateiros, limoeiros, laranjeiras, etc., plantas medicinais e algumas plantas ornamentais.

A importância comercial e produtiva foi base para novas construções e mudanças morfológicas de seu entorno ao longo dos anos. A atenção maior aos jardins só veio se manifestar quando Oswaldo Cruz Junqueira e Alice Aguiar

Junqueira se mudam para a sede em 1949. Depois de mais de um século da existência da Casa Grande, os jardins e suas funções originais foram modificadas pela proprietária.

A primeira grande intervenção foi idealizada e implantada por Alice Aguiar Junqueira a partir da década de 1950, quando o jardim de entrada deixou de ter funções utilitárias. A horta foi transferida para outro local e o espaço foi ajardinado, passou a ser apenas um cenário de contemplação, de embelezamento da casa, de lazer recreativo e de passeio dos seus usuários (JUNQUEIRA, 2013).

Nenhuma atenção foi dada ao jardim velho. Depois de ter sido curral de veados, poucas plantas resistiram e só era utilizado em poucas ocasiões como, por exemplo, festa de primeira comunhão e outros esporádicos eventos religiosos. A horta foi transferida algumas vezes de acordo com a necessidade e facilidade de acesso. Os pomares sempre ocuparam as mesmas áreas.

Apesar de em certo momento o jardim de entrada ter recebido um tratamento paisagístico, a entrada principal nunca exerceu sua teórica função. A preferência por entrar e receber convidados sempre foi pelas portas do terreiro de baixo e pela ala de serviço da Casa Grande.

Atualmente, o jardim de entrada se apresenta bem diferente do original. Ainda é possível observar o novo conceito e desenho formado a partir da década de 1950, porém a vegetação e os elementos arquitetônicos que compõem o jardim se encontram em mal estado de conservação e nenhum serviço de manutenção especializada existe para esses fins.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma nova reforma e restauração da Fazenda Traituba está proposta para os próximos anos, com isso seria interessante os atuais proprietários contratarem profissionais especializados da área para realizar intervenções nos jardins de seu entorno.

REFERÊNCIAS

- AMATO, M. **A freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Carrancas e sua história**. São Paulo: Loyola, 1996. 288 p.
- ANDRADE, C. D. A pequena Cruzília. **Jornal do Brasil**, em 20 de março 1973. Disponível em: <www.descubraminas.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2013.
- ANDRADE, I. E. Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 138-144, 2008.
- ANDRADE, M. F. Rebelião escrava na comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais: o caso Carrancas. **Afro-Asia**, Salvador, n. 21/22, p. 45-82, 1999.
- ANGELIS, B. L. D.; ANGELIS NETO, G. Jardins históricos: introduzindo a questão. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 19, p. 31-48, 2004.
- BESSA, A. S. M. **A construção das paisagens turísticas nos descaminhos da Estrada Real**. 2011. 280 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BIBLIOTECA MUNICIPAL CASTRO ALVES DE CARRANCAS. **Vista de Carrancas**. 2012. 1 fot. preto e branco. (Acervo Municipal).
- BOXER, C. R. P. **A fonte de ouro do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1963.
- CALAES, G. D. et al. Estrada real: vetor de fertilização de conhecimento e aprendizado para a exploração mineral. In: SIMPÓSIO DE EXPLORAÇÃO MINERAL, 2., 2008, Ouro Preto. **Comunicação Técnica...** Ouro Preto: [s. n.], 2008.
- CARTA DE FLORENÇA: **carta dos jardins históricos**. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 15, p. 201-208, 1999.
- CARTA DE JUIZ DE FORA. **Carta dos jardins históricos brasileiros**. Juiz de Fora: IPHAN, 2010. p. 16.
- CARVALHO, F. A. Memória toponímica de Saint-Hilaire pelo caminho velho da estrada real. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p.185-196, jan./jun. 2010.

COSTA, A. G. (Org.). **Os Caminhos do ouro e a Estrada Real**. Belo Horizonte: UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

COSTA, L. **Sobre arquitetura**. Porto Alegre: UniRiRtter, 2007.

CRUZ, C. F. Engenho com capela no século XVII. Óleo sobre madeira de Fran Post. In: _____. **Fazendas do Sul de Minas**. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2010. p. 354.

CRUZ, C. F. **Fazendas do Sul de Minas**. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2010. p. 354.

CRUZILIA. Disponível em: <www.cruzilia.com/site/historia>. Acesso em: 15 abr. 2013.

CRUZILIA. Disponível em: <www.cruzilia.mg.gov.br>. Acesso em: 26 dez. 2012a.

CRUZÍLIA ganha Museu Nacional do cavalo Mangalarga Marchador. Disponível em: <://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2012/11/cruzilia-ganha-museu-nacional-do-cavalo-mangalarga-marchador.html>. Acesso em: 29 abr. 2013.

CRUZÍLIA: mapa de localização. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz%C3%ADlia>>. Acesso em: 23 dez. 2012b.

DELPHIM, C. F. M. **Intervenção em jardins históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2005. 152 p.

DUARTE, L. **Lei de terras**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/lei-de-terras/>>. Acesso em: 31 mar. 2013.

ER. Disponível em: <<http://www.institutoestradaareal.com.br/noticias/parque-do-ibitipoca-e-eleito-3-melhor-da-america-latina>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

FAZENDA Traituba. Disponível em: <http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoDetalhe.aspx?cod_destino=135&cod_atrativo=4239>. Acesso em: 12 jan 2013.

GARCIA, C. S. G. **Cachoeira da Fumaça – Carrancas**. 2008. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Canteiro com agapantos e vestígios de estrutura de alvenaria**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Casa Grande no século XIX**. 2013. Pintura a óleo, Nilza Meirelles, na década de 1960. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Celebração religiosa em frente o portão central – Início do século XX**. 2012. 1 Fot. preto e branco. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Coronel João Pedro Diniz Junqueira – Pintura a óleo**. 2012. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Curral construído em cima de um dos portões laterais por Otto Junqueira, mais acima os telhados da baia e do curral antigo**. 2012. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Curral dos Veados**. 2012. 1 Fot. color. (Acervo Particular).

GARCIA, C. S. G. **Fábrica de manteiga; Roda d'água**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. F. G. **Foto da década de 60, detalhe da estufa ao canto direito da fotografia**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo particular de Alice Aguiar Junqueira).

GARCIA, C. S. G. **Foto depois da demolição dos currais, muros e acerto do terreno**. 1 Fot. preto e branco. (Acervo particular de Alice Aguiar Junqueira).

GARCIA, C. S. G. **Gabriel Francisco Junqueira, o barão de Alfenas. Pintura a óleo (Réplica)**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo do e Museu Nacional do cavalo Mangalarga Marchador – Cruzília).

GARCIA, C. S. G. **Homens encostados em um grande tronco de árvore. Data provável: início do século XX**. 2012. 1 Fot. preto e branco. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Jardim de entrada com diversas espécies e canteiros – Década de 1960**. 2013. 1 Fot. preto e branco. (Acervo particular de Alice Aguiar Junqueira).

GARCIA, C. S. G. **Jardim de entrada da Fazenda Traituba**. 2012. 1 Fot. color. (Acervo Particular).

GARCIA, C. S. G. **Jardim de entrada. Década de 1940.** 2012. 1 Fot. preto e branco. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Jardim e horta de entrada antes da reforma de 1953.** 2013. 1 Fot. preto e branco. (Acervo particular de Alice Aguiar Junqueira).

GARCIA, C. S. G. **Lado direito do jardim de entrada.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Localização da prisãozinha (A) e do quiosque, provável pelourinho antigo (B).** 2012. 2 Fot. color. (Acervo Particular).

GARCIA, C. S. G. **Localização da senzala no terreiro de baixo da Casa Grande.** 2012. 1 Desenho preto e branco. Original de Niconiello e Carvalho.

GARCIA, C. S. G. **Local onde a antiga estufa se encontrava.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Muros feitos de pedra e adobe – Fazenda Traituba.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Nova área de serviços construída em 1953.** 2012. 1 Fot. preto e branco. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Novo jardim de entrada formado na reforma de 1953. Data: outubro de 1970.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Oswaldo Junqueira e Alice Junqueira, 1949.** 1 Fot. preto e branco. (Acervo particular de Alice Aguiar Junqueira).

GARCIA, C. S. G. **Parte do Mapa da Comarca do Rio das Mortes de 1809 com a divisão das freguesias e termos.** 2013. 1 Fot. color. (Acervo do Museu Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador).

GARCIA, C. S. G. **Pátio lateral esquerdo (curral dos veados; jardim velho).** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. F. G. ***Philodendron bipinnatifidum* replantados rente ao muro da escada. Década de 1970.** 2013. 1 Fot. preto e branco. (Acervo particular de Alice Aguiar Junqueira).

GARCIA, C. S. G. **Planta baixa do jardim de entrada nos dias atuais.** Projetada pelo software AutoCad/2011. 2013. 1 desenho color.

GARCIA, C. S. G. **Pomar da Fazenda Serra das Bicas – Carrancas.** 2012. 1 fot. preto e branco. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Praça principal da cidade de Cruzília século XX.** 2013. 1 fot. preto e branco. (Acervo do Museu Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador).

GARCIA, C. S. G. **Representação dos cômodos existentes embaixo da Casa Grande.** 2013. 1 Desenho preto e branco. Original de Niconiello e Carvalho (1985).

GARCIA, C. S. G. **Retrato de Major José Frausino - Pintura a óleo.** 2013. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

GARCIA, C. S. G. **Roça de milho e Serra da Traituba ao fundo.** 2013. 1 Fot. color. (Acervo Particular).

GARCIA, C. S. G. **Sede da Fazenda Favacho.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Sede da Fazenda Traituba com a Serra da Traituba ao fundo.** 2013. 1 fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Terreiro atualmente. Antigas Senzalas a direita.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

GARCIA, C. S. G. **Vacas no terreiro de baixo, bezerreiro murado ao fundo esquerdo da foto e diversas árvores nos dois terreiros – provável data: antes de 1953.** 2012. 1 Fot. preto e branco. (Acervo particular de Alice A. Junqueira).

GARCIA, C. S. G. **Viajantes da Província do Rio Grande – Jean Baptiste Debret 1823.** 2013. 1 Fot. color. (Acervo do Museu Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador).

GOLGHER, I. **Guerra dos emboabas: a primeira guerra civil nas Américas.** Edição revista e anotada. 2. ed. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1982. 254 p.

GOMES, M. A. S. De largo a jardim: praças públicas no Brasil – algumas aproximações. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 101-120, 2007.

HARAS NARCISO. Disponível em : <www.harasnarciso.com.br>. Acesso em: 21 mar. 2013.

ÍNDIOS na fazenda. Disponível em: <www.asminasgerais.com.br>. Acesso em: 23 jan. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 16 jan. 2013.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **Caminhos**. Disponível em: <www.institutoestradareal.com.br/estrada-real/caminhos>. Acesso em: 15 jan. 2013.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **Mapa da Estrada Real**. Disponível em: <www.institutoestradareal.com.br/estrada-real>. Acesso em: 16 jan. 2013.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **Localização da Fazenda Traituba perante a Estrada Real**. Disponível em: <www.institutoestradareal.com.br/estrada-real>. Acesso em: 16 jan. 2013.

JUNQUEIRA, A. A. Cruzília, 12 dez. 2013. Entrevista concedida a Cecília S. Gontijo Garcia e Mariel C. R. Salgado.

JUNQUEIRA, A. A. **Da esquerda para direita encontram-se: Osvaldo Junqueira (filho) e sua esposa Cláudia Meirelles; José Frausino Junqueira (filho) e sua esposa Fátima Ferreira; Eurico Junqueira (filho); Alice Aguiar Junqueira (mãe); Maria de Lourdes da Cunha; Otto Junqueira (filho); João Francisco Junqueira(filho); Alice Junqueira (filha) e Avelino Junqueira (filho) em 1985**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo Particular).

JUNQUEIRA, N. A. **Fazenda Traituba, década de 1980**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo Particular).

JUNQUEIRA, N. A. **Sede do Haras Narciso**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo particular).

JUNQUEIRA, N. A. **Terreiro em frente a entrada da casa, local de comércio no século XIX**. 2013. 1 Fot. color. (Acervo particular).

LASSUS, B. L'obligation de l'inventio: du paysage aux ambiances successives. In: BERQUE (Dir.). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Paris: Champ Vallon, 1994.

LERY, J. **Histoire d'un Voyage fait em La terre du Brésil**. Paris: [s. n.], 1594. p. 174.

LIMA, R. C. **Pequena história territorial do Brasil**: sesmarias e terras devolutas. 4. ed. São Paulo: Arquivo da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990.

LOPES, L. N. **História das fazendas tradicionais da Estrada Real**. Belo Horizonte: Top 2000, 2012. 240 p.

LUGINBUHL, Y. Paysage et identification, qualification et objectifs de qualités. In: PAYSAGE et développement durable: les enjeux de la convention européenne du paysage. Strasbourg: l'Europe, 2006.

LUGINBUHL, Y. **Paysages**: textes et représentation du paysage du siècle des LUMIÈRES à nos jours. Lyon: La Manufacture, 1989. 268 p.

MAPA geral do Estado de Minas Gerais em 1955. **Arquivo Público Mineiro**. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/viewcat.php?cid=831>. Acesso em: 23 jan. 2013.

MATRIZ da cidade de São Thomé das Letras. Disponível em: <<http://restauescapulario.no.comunidades.net/index.php?pagina=1279291252>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

MATTOS, J. A. J. Capela São José do Favacho. In: _____. **Família Junqueira**: sua história e genealogia. Rio de Janeiro: Família Junqueira, 2004.

MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002. 592 p.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Elevação principal da sede da Fazenda Traituba depois da reforma realizada em 1902**. 1985. 1 desenho preto e branco.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Elevação principal e posterior da sede da Fazenda Traituba depois da nova reforma em 1953**. 1985. 1 desenho preto e branco.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Elevação principal original 1827.** 1985. 1 desenho preto e branco.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Levantamento arquitetônico, histórico e reconstituição da Fazenda Traituba.** 1985. 40 p. Monografia (Graduação interdisciplinar) - Universidade de Taubaté, 1985. 40 p.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Perspectiva da Casa Grande, representação da primeira construção.** 1985. 1 Desenho em preto e branco.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Planta baixa da distribuição dos cômodos da casa original.** 1985. 1 desenho preto e branco.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Planta baixa do mirante no terceiro andar. 1985.** 1 desenho preto e branco.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Representação da vista da Casa Grande antes das reformas.** 1985. 1 desenho preto e branco.

NICONIELLO, P. T.; CARVALHO, E. B. **Sede principal da Fazenda do Favacho.** 1985. 1 desenho preto e branco.

PAIVA, P. D. O. **Cachorros caçadores na Fazenda Traituba.** 2012. Pintura a óleo. Autor desconhecido. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

PAIVA, P. D. O. **Casinha de bonecas com romã, agapantos, crótons e estrelíztias.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Cruzeiro localizado perto da Casa Grande.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Fazenda Traituba.** 2013. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Hortênsias beirando o muro lateral (a); canteiro de rosas (b).** 2012. 2 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Marca atual do plantel de cavalos da Fazenda Traituba.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Fotografia do quarto de Dom Pedro I e sua cama.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Jardim de entrada, ao fundo a casinha de bonecas.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Otto Junqueira.** 2013. Pintor: François. 1 Fot. color. (Acervo da Fazenda Traituba).

PAIVA, P. D. O. **Pátio esquerdo, Jardim Velho.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Pomar antigo.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Portão lateral direito ao antigo terreiro de comércio.** 2013. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAIVA, P. D. O. **Terreiro do antigo comércio e Portão Principal de acesso.** 2012. 1 Fot. color. (Acervo particular).

PAROQUIA DE CRUZÍLIA. Disponível em: <www.paroquiadecruzilia.com.br>. Acesso em: 9 jan. 2013.

PASSEIO PÚBLICO. 2002. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/construcao.asp>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras: public squares in Brazil.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002. 310 p. (Coleção Quapá).

SAINT-HILAIRE, A. **Segunda viagem a Minas Gerais e São Paulo.** São Paulo: Nacional, 1938.

SILVA, B. E. **História do Brasil: geral e regional.** 2. ed. São Paulo: Cutrix, 1967. p. 51.

SILVA, V. C. Fazenda Traituba, Cruzília, 22 dez. 2012. Entrevista concedida a Cecília S. Gontijo Garcia e Patrícia Duarte Oliveira Paiva.

SOS JARDIM BOTANICO. Disponível em: <<http://www.sosjardimbotanico.com.br/historia-do-jardim-botanico/>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

TEIXEIRA, G. H. Carrancas, 23 nov. 2012. Entrevista concedida a Cecília S. Gontijo Garcia.

VASCONCELLOS, S. **Vila Rica:** formação e desenvolvimento; residências.
São Paulo: Perspectiva, 1977. 121 p.